

“A mensagem que arde como fogo...”

William Tyndale, tradutor da Bíblia na Inglaterra dos Tudor's

Projeto apresentado em cumprimento às exigências da disciplina, Dissertação, ministrada pela prof^a Dr^a Selma Alves Pantoja, curso de Bacharel em História. Universidade de Brasília.

Por

Isaias Lobão Pereira Junior

Brasília, Julho de 2003.

De acordo com um dito rabínico, Deus criou as pessoas porque ele ama histórias. Henry R. Luce, fundador da revista Time, comentando o interesse da revista nas personalidades, retrucou, "Time não começou esta ênfase nas histórias sobre pessoas; foi a Bíblia" Um dos impulsos humanos mais universais pode ser resumido no apelo de três palavras familiares: "Conte-me uma história." A Bíblia constantemente satisfaz este desejo humano pelas histórias.

Leland Ryken. In W. H. Griffin Thomas Lectures at Dallas Theological Seminary.

Existem ocasiões na história quando o pulso da vida religiosa mal dá para se perceber. Existem outras ocasiões, quando a batida do coração é prontamente perceptível. Esse foi o caso no século 16, nas nações da Europa ocidental. As questões de fé passaram a dominar cada atividade da vida pública.

Abraham Kuyper, primeiro ministro da Holanda e teólogo

Eu havia percebido, pela experiência, como era impossível dar fundamento de qualquer verdade aos leigos, a não ser que as Escrituras fossem literalmente abertas diante de seus olhos na sua língua natal, para que eles pudessem ver o processo, ordem e significado do texto: senão, seja qual for a verdade ensinada, esses inimigos de toda verdade a extinguem de novo. Em parte fazendo malabarismos com o texto, expondo-o de uma forma difícil de entender... o processo e a ordem e o significado dele.

William Tyndale

A autoridade da Escritura Sagrada, razão pela qual deve ser crida e obedecida, não depende do testemunho de qualquer homem ou igreja, mas depende somente de Deus (a mesma verdade) que é o seu autor; tem, portanto, de ser recebida, porque é a palavra de Deus.

Confissão de Fé de Westminster, IV.

Dedico este trabalho

Aos meus pais, Isaias e Neiva, pelo constante apoio e dedicação, para que eu pudesse estudar. Eles têm me incentivado desde o início. Aos meus irmãos, Rone, Marcelo e Rosa. Eles foram meus primeiros debatedores. À minha querida noiva, Talita, que suportou com paciência os momentos que passei diante do computador e dos livros. Aos amigos que fiz na universidade, tantos colegas e professores. Aos meus alunos, com os quais debati a relevância da Bíblia nestes dias conturbados. Ao Pastor Osório Gonçalves (FTCB), Presbítero Solano Portela, Rev. Franklin Ferreira, amigos que caminham ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que me contribuíram positivamente em minha formação, sempre amparando quando necessário. Aos meus irmãos, que expressaram suas opiniões e me auxiliaram na correção do manuscrito. A professora Selma Alves Pantoja, pela orientação paciente no acompanhamento da elaboração e escrita do texto da monografia. Aos professores do Departamento de História, com os quais aprendi um pouco mais sobre a vida acadêmica. A Talita Helena (minha noiva), pelo carinho, força e apoio na digitação de algumas partes da monografia. À Faculdade Teológica Cristã do Brasil, lugar de discussão e fomento de dúvidas em relação à teologia reformada. À Faculdade Teológica Batista de Brasília, pela disponibilidade no uso da biblioteca. Ao presbítero Solano Portela e ao pastor Franklin Ferreira, os quais discuti minhas perguntas, hipóteses e primeiros resultados. Obrigado por suas observações pertinentes que acabaram influenciando a forma que dei aos capítulos da monografia. Ao Felipe Sabino Neto, que me ajudou na tradução de várias partes dos textos, seu conhecimento da língua inglesa me ajudou bastante.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo dar uma panorâmica, ainda que sumária, do grande movimento religioso que foi a Reforma na Inglaterra, movimento esse que foi alicerçado e difundido por um grande número de traduções da Bíblia para inglês, de modo que a mensagem da Escritura pudesse chegar a todos os lares e ser entendida pelo cidadão comum, espalhando os ideais dos Reformadores. Será dada maior importância à tradução de William Tyndale por ter sido o primeiro e a grande referência dos tradutores que se lhe seguiram. Minha pretensão foi estudar a influência da vida, obra e ensinamentos de William Tyndale na formação da Reforma Protestante na Inglaterra renascentista. E de como sua tradução da Bíblia influenciou a teologia posterior. A questão principal que orienta este trabalho é descobrir se a influência do trabalho de Tyndale teve repercussão na formação mental do protestantismo inglês.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 RENASCIMENTO E REFORMA	10
REFORMA INGLESA: Uma Introdução	11
O APARECIMENTO DO LIVRO.....	14
2 A VIDA DE TYNDALE	19
3 A TRADUÇÃO DE TYNDALE E A LÍNGUA INGLESA	26
A RELAÇÃO ENTRE TYNDALE E A AUTHORISED VERSION	28
O PENSAMENTO DE TYNDALE	31
4 A INFLUÊNCIA DE TYNDALE NO MOVIMENTO PURITANO.....	37
CONCLUSÃO	44
ANEXO I: Obras Completas de Tyndale	45
ANEXO II: Referências Bibliográficas	47

Introdução

Qualquer abordagem que tentar sintetizar um grande período histórico ou um grande número de elementos em poucas palavras terá de ser forçosamente um tanto simplista. Pois, ao se fazer isso, o estudioso sente-se obrigado a desconsiderar muitas individualidades e peculiaridades que, do ponto de vista das pessoas envolvidas, seriam importantes e dignas de serem mencionadas. Corre-se o risco de distorcer a história por não considerar a sua natural complexidade. Ciente disso proponho apresentar uma visão panorâmica da história da tradução da Bíblia para o inglês renascentista.

Naturalmente, uma exposição histórica nestes termos possui um alto grau de seletividade, o que também não podemos evitar. Chamamos aqui a atenção aos pontos da história que, de uma forma ou outra, exerceram mais influências sobre o seu mundo e sobre posterior evolução da história. O termo evolução está sendo usado aqui com cuidado. Lembramos de todo o peso que este termo carrega e como muitos historiadores hoje tem tentado abandoná-lo. Mas, neste caso faz-se necessário utilizá-lo, pois não temos outra palavra que expresse o sentido que imprimimos no texto. e que apresentaram elementos alternativos uns dos outros. Como queremos nos restringir ao âmbito da Reforma Inglesa, tomaremos como ponto de partida o final da Idade Média inglesa e como ponto final o início do período elisabetano, no século XVII.

A história do Protestantismo é intimamente ligada a Bíblia por três razões. Em primeiro lugar, o Protestantismo ensina que a Bíblia é sua *ultima autoridade*, não a tradição ou personalidades importantes ou a experiência. Em segundo lugar, a Bíblia sozinha é suficiente (*Sola Scriptura*). E em ultimo lugar, o Protestantismo ensina o sacerdócio universal de todos os crentes, entre outras coisas, isto significa, que cada cristão tem o privilégio e a responsabilidade de conhecer a Deus e sua revelação nas Escrituras.

A consequência natural desses princípios é que cada cristão necessita ter acesso a Escritura em sua própria linguagem. De fato, os protestantes, mais do que qualquer outro grupo religioso, tem se preocupado em traduzir seu livro sagrado para outras línguas.¹ Essa

¹ O islamismo, outra grande religião monoteísta, não tem a mesma preocupação de apresentar seu livro sagrado para outras línguas. Existe um peso da teologia islâmica aqui, o Corão foi escrito em árabe e esta é a língua sagrada do profeta, portanto, o verdadeiro muçulmano conhece a palavra de Deus através de sua língua sagrada.

foi a motivação de William Tyndale (1494-1536), ao buscar traduzir a Bíblia, mesmo sendo alvo de perseguições e correndo o risco de ser executado pelo rei da Inglaterra, o que acabou por acontecer.

Sua vida e obra exerceram grande influência no desenvolvimento da fé reformada entre os povos de língua inglesa. Existem faculdades que foram batizadas com seu nome, uma das maiores publicadoras de livros cristãos no mundo (*Tyndale House*) ostenta seu nome como referência ao seu trabalho de divulgação da palavra escrita. Organizações que mantêm teólogos, lingüistas e antropólogos preocupados em traduzir a Escritura para línguas exóticas, tem-no como exemplo e inspiração.

Este presente trabalho foi dividido em quatro partes. Na primeira parte, uma introdução geral ao movimento reformado inglês, com especial destaque as traduções bíblicas. Uns pontos muito discutidos entre os historiadores são as razões que motivaram os reformadores em suas críticas ao sistema religioso dominante. Uns alegam motivações econômicas, outros desencanto com as práticas supersticiosas, outros a ascensão de uma nova mentalidade, etc. De fato, todas as explicações têm sua razão de ser. E nenhuma delas pode explicar sozinha a realidade que se construiu a partir do pensamento reformado.

Nessa parte outro ponto discutido é o aparecimento do livro impresso durante o renascimento inglês. Os debates giram em torno de quem apareceu primeiro, o livro ou a reforma? No pensamento protestante tradicional, a Bíblia estava escondida entre a poeira dos mosteiros medievais e entregue aos roedores e traças, até que os célebres reformadores resgataram o texto sagrado do seu cativeiro, como Moisés fez com o povo de Israel, ao libertá-los do Egito. Contudo, conforme atestam alguns historiadores², a Bíblia já estava circulando livremente na Europa antes da eclosão da Reforma. O livro já era conhecido, os reformadores, como Lutero e Tyndale, o fez acessível ao povo.

Um pequeno esboço biográfico de Tyndale é alvo da segunda parte. Tyndale foi pródigo em biografias, desde os primeiros atos relatados por Fox no século XVI, passando por Brian Edwards, até o tratamento erudito de David Daniell.³ Foram feitos diversas peças de teatro, escritos artigos e análises de suas obras e até mesmo um filme. Minha proposta

² DELUMEAU, Jean. 1989.

³ FOX, John **O livro dos Mártires**. CPAD. Edição original 1556 EDWARDS, Brian. **The God's. OutLaw. The Story of William Tyndale** Evangelical Press. 1976 DANIELL, David, **William Tyndale, a Biography** 1994

foi de apresentá-lo aos meios acadêmicos brasileiros, visto ser ele praticamente desconhecido entre nós.

Na terceira parte, propus analisar suas traduções bíblicas e analisar sua influência na formação posterior da língua inglesa. Destaquei o impacto de suas traduções nas versões posteriores. Dediquei parte de minha análise aos tratados polêmicos de Tyndale, especialmente sua disputa acirrada com Thomas Morus.

Concluindo, postulei uma hipótese, a influência de Tyndale na formação teológica do puritanismo separatista no período elisabetano. Consultei diversos autores e analisei as posturas políticas e teológicas deste período e chego a conclusão de uma linha de pensamento que une Tyndale com o movimento puritano.

Como é de praxe nestes casos, eu, e somente eu, sou responsável pelos erros .

Capítulo 1

Renascimento e Reforma

A Reforma Protestante vinha sendo “anunciada” desde muito tempo pelo desprestígio da Igreja. No século XV, em 1437, o rei Afonso V de Aragão chamava a atenção para o fato da Igreja de Roma escandalizar a todos⁴ e mostrava a necessidade de se mudar esta situação ou de “deixar a cada um a liberdade de proceder mal”. Nos Séculos XIV e XV as críticas contra a Igreja Católica foram terríveis e partiram de todas as direções. Os abusos cometidos por boa parte do clero favoreceram efetivamente o rompimento executado por Lutero com a Igreja de Roma, mas, estão longe, de explicar e de esclarecer, toda a Reforma Protestante.

A questão das causas da reforma é complexa. Para tentar resolve-la, é preciso ir direto ao essencial. O Protestantismo dá ênfase a três doutrinas principais: a justificação pela fé, o sacerdócio universal, a infabilidade apenas da Bíblia. Esta teologia respondia certamente, às necessidades religiosas de seu tempo, sem o que ela não teria conhecido o sucesso que foi o seu. A tese segundo a qual os Reformadores teriam deixado a Igreja romana porque ela estava repleta de devassidões e impureza é insuficiente⁵.

O Catolicismo da época da Renascença viveu uma época agitada. e os católicos dos Séculos XIV e XV passaram a ter uma vida devota, realizando uma grande quantidade de orações e praticando boas obras com o objetivo de acumular grandes tesouros no céu. Muitos dos acontecimentos que contribuíram para produzir esse sentimento de crise estavam ocorrendo de maneira simultânea; crises relativas à agricultura, a fome e a grande Peste em meados do século XIV. Como algo que precedeu esta combinação, mas também como conseqüência dela, houve um crescimento das cidades. A grande multidão que se dirigia para as cidades, buscava uma melhor condição de vida. Porém, essa migração não trouxe a paz de espírito que os ansiosos almejavam.

Também a obsessão da morte foi uma constante e, no Século XV, um dos livros mais difundidos foi a *Arte de Morrer*. Os ricos encomendavam suntuosos túmulos. A crença nos demônios e nas almas do outro mundo era bastante difundida e, havia a crença absurda de que Deus, em determinadas épocas, concede aos espíritos maus um grande

⁴ FREITAS, vol. II, p. 156.

⁵ DELUMEAU, 1989. pp 59.

poder de destruição.⁶ A historiografia derivada da História nova, notadamente a partir de Philippe Ariès investigou de forma exaustiva os problemas relacionados com a morte no Ocidente.

A Reforma forneceu uma resposta religiosa a grande angústia da sociedade.

Reforma Inglesa: uma introdução

Há não muito tempo, historiadores descreviam a Reforma inglesa como um ato do poder estatal vigente: “uma coisa que se pode dizer, peremptoriamente, sobre a Reforma na Inglaterra, é que ela foi um ato de Estado”.⁷ A pesquisa contemporânea continua reconhecendo o papel crucial desempenhado pelos Tudor ao revolucionar a autoridade eclesiástica por um decreto real, mas corrige a unilateralidade de interpretações políticas anteriores mediante estudos sociais e religiosos. Fontes diferentes dos registros estatais ilustram o fato de que nem a Inglaterra nem a Escócia, estavam isoladas das Reformas do continente europeu e de que o início e avanço das idéias reformatórias não começou com ações régias nem dependeram completamente do ato estatal que foi, simplesmente, o ponto chave que desencadeou o movimento de profundas transformações religiosas e sociais, como se os acontecimentos no continente estivessem a clamar por uma contrapartida de igual teor no Reino Unido.

Uma das questões controvertidas diz respeito à situação da Igreja Inglesa e à extensão e intensidade do anticlericalismo às vésperas da Reforma. Havia na Inglaterra uma tradição nativa de rupturas heréticas, que alimentada pela raiva causada pela corrupção e pelos deslizes sexuais do clero conduziram o povo a aceitar a Reforma.

...existia [na Inglaterra] uma tradição plebéia de anticlericalismo e irreligião. Em 1491, um carpinteiro rejeitava a transubstanciação, o batismo e a confissão, e dizia que os homens não seriam condenados por pecarem; em 1512, um homem de Wakefield afirmou que, “se um bezerro estivesse sobre o altar, eu preferiria adora-lo do que ao ... santo sacramento...Passou o tempo em que Deus decidiu estar presente em forma de pão. Os plebeus, dizia outro, “nunca estarão bem até cortarem a cabeça de todos os padres”. “No campo corria um dito”, contou em 1542 um homem de Yorkshire, “segundo o qual um homem poderia alçar seu coração e confessar-se a Deus Todo.Poderoso, e não precisava confessar-se com um padre”. Um tosquiador de Dewsbury desenvolveu este ponto: não

⁶ PIERUCCI, 1973 p 440.

⁷ POWICKE, 1967. p 20

confessaria a um sacerdote os pecados que cometesse com uma mulher, “pois em três ou quatro dias o padre estaria pronto para usa-la como ele a usou”.⁸

O humanismo e o Renascimento desempenharam importante papel a partir do Século XV na crítica do próprio Catolicismo. O humanismo e o Renascimento dos séculos XV e XVI, embora glorificando a Antigüidade e as letras clássicas, não representa um rompimento com o Cristianismo e, nem mesmo chega a patrocinar um ateísmo filosófico seguro de si mesmo, pois a própria aparelhagem mental da época não o permite, não fornece nem as palavras-chave ou os raciocínios incisivos e, nem mesmo o indispensável apoio científico.⁹

Às vésperas da Reforma, João Colet, o deão humanista de St. Paul's, usou seu sermão de convocação (6 de fevereiro de 1512) para atacar tanto os clérigos atuantes em paróquias como prelados. O principal modelo da cobiça por dignidades, era Thomas Wolsey que detinha os cargos de bispo de Lincoln, arcebispo de York, cardeal, legado papal e lorde chanceler da Inglaterra, e que parecia monopolizar todo o poder eclesiástico e civil no reino. O ódio popular da ambição de Wolsey transbordou, transformando-se em anticlericalismo para com todo o clero. Havia muito material anticlerical às vésperas da Reforma que os primeiros protestantes não hesitaram em usar em seu interesse. As acusações mais sensacionalistas foram sustentadas por um jornal tablóide, *Supplication for Beggars* (1529) de autoria do advogado londrino Simon Fish¹⁰

Os clérigos são mendigos ricos que despojam os mendigos pobres. Verdadeiramente não fazem outra coisa senão dedicar-se a se envolver com a mulher de todo mundo, com a filha de todo mundo, com a criada de todo mundo, de sorte que corneação e a impudicícia venham a imperar sobre tudo. São esses os que criam cem mil prostitutas ociosas em teu reino¹¹

Esses ressentimentos ingleses endêmicos, unidos ao entusiasmo com o novo aprendizado promovido por Colet e Erasmo, entre outros, constituíram um solo fértil para a pregação e as doutrinas luteranas que entraram na Inglaterra por volta de 1520. Wolsey, apoiado por diversos bispos e prelados, pronunciou a excomunhão de Lutero e queimou ritualmente todos os escritos de Lutero. Por esta época, um grupo de simpatizantes de

⁸ HILL, Christopher. 1989. pp 42-43.

⁹ BRAUDEL, 1989 p. 139.

¹⁰ LINDBERG, 2001 p. 278

¹¹ Citado em LINDBERG. Op. cit

Lutero se reunia em Cambridge, de onde partiram os principais líderes da Reforma na Inglaterra.

Essencialmente, os primeiros protestantes ingleses dos anos 1520 e 1530 eram luteranos, liderados por William Tyndale, Robert Barnes e Thomas Cranmer, pelos jovens pesquisadores de Cambridge do início da década de 1520, por Miles Coverdale e pelos tradutores da Bíblia de menor importância e por uma multidão de outros publicistas e panfletistas com fortes afinidades continentais.¹² Até mesmo Thomas Cromwell, o primeiro grande executivo da reforma estatal exibiu uma afinidade moderada, mas inequívoca com os luteranos.

A Reforma de Lutero, que foi complementada por Calvino e Zwinglio modifica completamente a concepção religiosa de então. Ela começa por rejeitar os intermediários e aspira ir até Deus e o Cristo diretamente, sem passar pela cristandade. A fé é o ponto fundamental do Luteranismo e de toda a Reforma, a base de toda a religião reformada “Nessa experiência do Cristo finalmente puro, finalmente a sós, estaria a fé. Haveria assim uma fé pura, puramente inspirada pelo Espírito. O Reformador se acha em busca da pureza da fé: (a fé liberada de todas as contaminações dos interesses históricos interesses e paixões da cristandade)”.¹³

Com a Reforma retorna-se uma *interiorização* da experiência religiosa, pois a fé seria um ato interior e reflexivo. Esta *interioridade* é relacionada por Hegel com a antiga e conservada “interioridade do Povo alemão”. Desta forma, a Reforma é retratada, como aquela afirmação da fé e da interioridade. O texto de Hegel é precioso na medida em que utilizando a sua dialética idealista consegue captar a mudança religiosa introduzida por Lutero:¹⁴

O ensinamento simples de Lutero é que o isto, a infinita subjetividade, a verdadeira espiritualidade - Cristo -, de forma alguma está presente e é real de forma exterior, mas é alcançado como o próprio espiritual na reconciliação com Deus - na fé e na comunhão. Essas duas palavras dizem tudo. Não é a consciência de Deus como algo sensível, nem tampouco de algo representado, que não é real ou presente, mas de uma realidade que não é sensível. Esse distanciamento da exterioridade reconstrói todos os ensinamentos e reformula toda a superposição na qual a Igreja se desentendeu. Ele atinge principalmente a doutrina das obras, pois, de qualquer forma, elas não estão na crença, no espírito em si, mas, externamente, na autoridade e na realização. A fé não é só a certeza de algo meramente finito, uma certeza que só pertence ao sujeito finito, como, por exemplo, a crença

¹² LINDEBERG, idem

¹³ DREHER, Martin, p. 15

¹⁴ HEGEL, G. W. F, 1995 p. 343.

em que este ou aquele exista ou a crença no que este ou aquele disse, ou, ainda, a crença naquele que diz que os filhos de Israel atravessaram o mar vermelho caminhando, que diante dos muros de Jericó as trombetas agiram tão fortemente como os canhões - pois não seria pelo fato disso não nos ter sido comunicado que o nosso conhecimento de Deus seria incompleto.

Na medida em que destaca esta interioridade, a Reforma começa a afastar o Catolicismo popular que era característico do período medieval com as suas festas, cantos, músicas, arte, teatro, procissões, santuários, peregrinações e outros inumeráveis costumes que mostravam a *exteriorização da religião*. Contra tudo isto, Lutero brandia a bandeira da fé, a fé que é um ato interior e reflexivo.

Da mesma forma que o crente luterano acreditava encontrar o verdadeiro Cristo diretamente da Bíblia, ele também acreditava encontrar a sua fé diretamente da Bíblia, ele acreditava também encontrar a sua fé diretamente e, *sem intermediários*, através de uma reflexão psicológica. O cristão reformado vê o essencial de sua ação no ato interior. O essencial é viver a experiência de conversão ao Cristo na fé. A Teologia Reformada está ligada a uma análise rigorosa da Bíblia, considerando de forma diversa tanto o Antigo Testamento como o Novo Testamento. Martin N. Dreher chamou a atenção para o fato de que a obra da vida de Lutero nada mais é do que “uma ampla e abrangente interpretação da Bíblia¹⁵”. Por esta razão o papel da tradução da Bíblia no vernáculo foi de cabal importância na propagação da Reforma, especialmente na Inglaterra, onde todo processo reformista se fundamentou nas querelas humanistas e na propagação da Escritura.

O aparecimento do Livro.

A divulgação da Bíblia sempre foi relacionada com a Reforma. “A Reforma trouxe de volta da Bíblia, que estava escondida entre as trevas”. Essa relação causa/efeito pode ser enganosa. Diversos autores atestam para o fato que já havia, antes de Lutero, a ampla circulação de livros religiosos, entre eles a Bíblia. As traduções da Bíblia para o vernáculo começaram a aparecer antes da cristalização do movimento reformador.

Do ponto de vista religioso, o aparecimento do livro impresso produziu uma verdadeira revolução, em relação às necessidades espirituais do [seu] tempo. Calcula-se em 75% a proporção das obras religiosas na produção tipográfica entre 1445 e 1520. Graças a imprensa, a Bíblia se

¹⁵DREHER, idem.

difundiu mais amplamente no público letrado desde antes da revolução luterana. Para aqueles que sabiam ler, porém ignoravam o latim, as Escrituras, traduzidas em língua vulgar, se tornavam mais acessíveis do que antes. As traduções da Bíblia começavam a se difundir e excitavam a sede dos fieis que tinham da Escritura.¹⁶

A grande demanda pelas Escrituras foi motivada pelos anseios espirituais e morais. Num período de incertezas, dúvidas e questionamentos, o texto bíblico forneceu um ponto de apoio. Se as autoridades da igreja demonstram ser falhos, os crentes se voltam para as Escrituras, no seu entendimento, infalíveis. Camponeses se reuniam nas casas e igrejas para ouvir, dos que sabiam ler, as histórias bíblicas e aprender os cânticos. A Reforma promove uma comunidade de leitores. A Bíblia é submetida a vários tipos de leitura, gerando grupos e associações que interpretam-na conjuntamente. As interpretações da Bíblia eram pessoais, porém, o fato de que precisassem ser aceitas pela congregação de fieis significava que mostravam pertinentes para o grupo em questão, impedindo a anarquia e o individualismo puro.¹⁷

Minha preocupação é discutir como a mensagem das Escrituras chegou na Inglaterra e como foi a recepção dessa mensagem. As primeiras Bíblias em inglês não eram inglesas de maneira alguma, e, a rigor, nem eram traduções. Sob ocupação romana, é provável que as igrejas britânicas empregassem o latim. Com as invasões bárbaras, surgiu a necessidade de um novo vernáculo, quando começou a evangelização no século VI. As primeiras obras no final do século VII concentravam-se em paráfrases poéticas, primeiro da história da criação e depois de outras partes do Pentateuco, e talvez, de algumas do Novo Testamento¹⁸. As verdadeiras traduções anglo-saxônicas começaram com a versão de Salmos feita por Aldhem em cerca de 700 d.C¹⁹.

A Bíblia em inglês fez poucos avanços durante a Idade Média, somente no século XIV aparece um trabalho de tradução de maior envergadura. O professor John Wyclif, destacando a função das Escrituras nas suas controvérsias teológicas, teve a visão de traduzir toda a Bíblia para uso mais amplo.

Wyclif nasceu entre 1325 e 1330. Ele foi educado em Oxford, onde recebeu seu doutorado em teologia, em 1372. Destacou-se em seus dias por suas críticas ao papado e

¹⁶ DELUMEAU, 1989. pp 77-78.

¹⁷ GILMONT, Jean, Roger. 1999. pp 57-59.

¹⁸ Sobre este período veja, GONZALES, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo*, Edições Vida Nova.

¹⁹ *Manual Bíblico Vida Nova*. 2002. p. 132.

aos excessos da igreja, tais como, a crítica à transubstanciação, à rejeição de toda hierarquia católica, à necessidade de se pregar a Bíblia na língua vernácula. Atacou a autoridade do papa em 1382, dizendo que Cristo, e não o papa, era o chefe da Igreja. Afirmou que a Bíblia e não a Igreja era a autoridade única para o crente e que a igreja romana deveria se modelar segundo o padrão do Novo Testamento. Para apoiar estas idéias, Wycliffe tornou a Bíblia acessível ao povo em sua própria língua. Em 1382, ele terminou a primeira tradução completa do Novo Testamento para o inglês. Sua tradução foi baseada na versão de S. Jerônimo, conhecida como *Vulgata Latina*. A *Vulgata* era a Bíblia oficial da cristandade ocidental desde o quarto século. Esta tradução foi feita por ordem do papa Damasius. Em termos de longevidade, a tradução latina é mais influente tradução bíblica da história.

Os seguidores de John Wycliffe, conhecidos como Lolardos, continuaram seu trabalho de distribuição das Escrituras no vernáculo. Após duas décadas da morte de Wycliffe, muitos Lolardos foram queimados em estacas, com suas bíblias amarradas ao pescoço²⁰.

Qual o alcance da tradução de Wyclif? Ela foi a primeira tradução completa em inglês, de fato, a primeira Bíblia completa numa moderna língua européia. A tradução foi completada mais de sessenta anos antes da invenção dos tipos móveis, feita na Alemanha por Gutenberg. Todas as cópias das Bíblias de Wyclif foram feitas à mão. Isso é impressionante, pois em alguns anos foram distribuídos centenas de exemplares, copiados diligentemente pelos Lolardos.

Inúmeros leigos tiveram a possibilidade de ler a Escritura. Porém, as pessoas que tinham seu exemplar corriam o risco de serem aprisionadas. Não é de se estranhar que era ilegal em 1408 ter a Bíblia em inglês. A leitura bíblica no vernáculo foi proibida nas *Constitutions of Oxford* editadas neste período. Foi tão poderosa a influência de Wyclif, que em 1415 o papa decretou que seus ossos fossem exumados e queimados, e as cinzas deveriam ser lançadas no rio Swift. Este decreto foi cumprido em 1428, 43 anos depois da morte de Wyclif.

O julgamento histórico a respeito de John Wyclif tem diferido amplamente. O Protestantismo Popular tem lhe chamado de “A Estrela da Manhã da Reforma”, Dean W.F. Hook descreveu-o como “um dos grandes homens que nosso país produziu”. Mas, por

²⁰ PATTISON, 1891. p. 88.

outro lado, Dr. F.J.C. Hearnshaw garante que Wyclif não era um homem religioso, de forma alguma, visto que ele “não teve nem experiência religiosa, nem senso de pecado, nem consciência de conversão, nem certeza de salvação, nem um coração de amor, nem uma evidente comunhão com Deus”. E .B. McFarlane, um crítico muito recente, entende que Wyclif fez “pouco ou nada para inspirar (a Reforma) e todo o possível para atrasa-la”.

John Stacey²¹ procura apresentar uma estimativa mais balanceada do caráter e significância histórica de Wyclif. Ele admite que Wyclif não era religioso o bastante. Ele concorda que Wyclif foi freqüentemente intemperado em expressar suas visões. Stacey aceita que Wyclif teve pouca ou nenhuma atração, tal como, por exemplo, John Wesley teve no século dezoito, e que, de fato, ele (Wyclif) era mais um acadêmico do que um profeta. Admite também que Wyclif não era um conhecedor dos costumes mundiais, visto que “deu pouquíssima importância ao ensino e nunca perturbou sua cabeça sobre se Oxford era por ele ou contra ele. Na realidade, se o Wyclifismo não tivesse sido suprimido em Oxford, a história da Inglaterra teria sido extremamente diferente” (p. 129). Stacey também concorda que Wyclif foi carente de astúcia política, visto que, por sua simpatia com a causa dos Camponeses e seu ataque em cima da profundamente apreciada doutrina da Transubstanciação, ele se alienou da corte e das classes governamentais, os únicos grupos na Inglaterra daqueles dias capazes de persistir no objetivo de tais reformas na igreja como Wyclif advogava.

Mas, por outro lado, Stacey sustenta que Wyclif, em seus escritos e ensinamentos, focalizou atenção em vários assuntos que se tornaram mais tarde centrais com os pais fundadores do Protestantismo – com a significativa exceção da doutrina da *sola fide*. Em particular, Wyclif criticou veementemente o abuso que era tão extremo na Igreja Católica Romana contemporânea. Ele estabeleceu a Bíblia como a autoridade objetiva final para a crença e prática cristã; e inspirou, se não diretamente instigou, a tradução da *Vulgata Latina* para o inglês vernáculo. Expôs uma interpretação mais bíblica do sacramento da Ceia do Senhor do que a Transubstanciação oferecia. Enfatizou a necessidade de um caráter virtuoso entre os crentes cristãos. E a importância da pregação; e despachou missionários em expedições através da Inglaterra para expor suas visões para o povo e reunir grupos para estudarem a Bíblia juntos e discutir seu ensino. E alguns desses grupos, conhecidos

²¹ STACEY, John. *John Wyclif and Reform*. Westminster Press. 1962.

como Lolardos, sobreviveram em condições subterrâneas até a vinda da Reforma no século dezesseis.

O que o argumento de Stacey significa é isto, que Wyclif expressou muito do mesmo tipo de criticismo do Catolicismo Romano como fez os Protestantes do século dezesseis e sugeriu algumas linhas da reforma da igreja, as quais foram seguidas durante o movimento da Reforma.

Ele pode, dessa forma, ser descrito como, em um sentido, um precursor da Reforma. Mas não há evidência que manifestasse qualquer influência causal direta sobre os Reformadores Protestantes: *não há um desenvolvimento linear entre Wyclif e Lutero*. Os seguidores de Wyclif, sobreviveram no século dezesseis, quando deram boas-vindas ao movimento da Reforma, e não fizeram qualquer contribuição distintiva a ela. Esta parece ser uma justa avaliação do lugar e da influência de Wyclif²².

Porém, outros indivíduos tentaram traduzir as Escrituras para o inglês corrente.

²² HOPE, 1964, pp 22.

Capítulo 2

A vida de Tyndale

Ainda que o local e a data exatos sejam desconhecidos, a maioria dos biógrafos acredita²³ que William Tyndale nasceu em outubro de 1494, em Gloucestershire, um pequeno vilarejo no oeste da Inglaterra. Pouco se conhece de sua infância e juventude, exceto que ele se graduou no Magdalen College, em Oxford. Ele se distinguiu em Oxford recebendo o seu diploma de Bacharel em Artes, em 1512. Mais tarde, transferiu-se para Cambridge, onde se destacou no estudo da teologia, sendo então ordenado padre. Em Cambridge, ele se juntou a um grupo de pesquisadores e estudantes incluindo Hugh Latimer, Thomas Bilney e Robert Barnes, com quem lia e discutia conteúdo do Novo Testamento grego, que havia sido editado por Erasmo em 1516. Certamente foi neste período que experimentou uma iluminação espiritual semelhante à de Lutero, provavelmente, Tyndale participou das famosas *lectures* que Erasmo promoveu em Cambridge entre 1509 e 1524. Ele era versado em sete línguas: Hebraico, Grego, Latim, Italiano, Espanhol, Inglês e Francês, e, segundo um defensor da Reforma na Alemanha, com algum exagero bem típico daqueles dias, qualquer uma que ele falasse poderia dar a impressão de ser a sua língua nativa.

Em 1521, Tyndale retornou para casa onde trabalhou durante um tempo como tutor dos filhos de Sir John Walsh. Além disso conduzia os trabalhos eclesiásticos na Igreja de St. Adeline²⁴. Ficou clara a grande influência dos reformadores desde que ele fez a tradução para o inglês do estudo de Erasmo sobre Efésios 6, intitulado “O Manual do Soldado Cristão”. Além disto ele insuflou a ira da hierarquia da igreja por pregar para uma multidão fora da Catedral de Bristol. Ele foi acusado de “espalhar heresia” e convocado a dar explicações ao bispo da diocese de Worcester. Tyndale tomou cuidado de não mais pregar em público, mas sempre que tinha a oportunidade, debatia com alguns de seus opositores. Quando um padre visitou Little Sodbury, condenando abertamente as crenças de Tyndale e afirmando a concepção de que somente o clero estava qualificado a ler e interpretar

²³ Encontrei diversas datas prováveis para o nascimento de Tyndale, Maxie Collins 1485, The Twentieth Century Encyclopedia 1492, Pattison 1484. David Daniell 1494, entre outros.

²⁴ DANIELL, David. *William Tyndale, a biography*. Yale University Press. Esta é considerada por vários estudiosos a melhor biografia de Tyndale. Daniell editou as traduções feitas por Tyndale e atualizou a linguagem para o leitor moderno.

corretamente as Escrituras, ele replicou: “Se Deus me conceder vida, não levará muitos anos e farei que um rapaz que conduza um arado saiba mais das Escrituras do que vós²⁵”.

Quanto mais ele estudava a doutrina reformada, mais acentuada se tornava a sua preocupação no sentido de que os seus companheiros ingleses compartilhassem do mesmo conhecimento. A proposta de Tyndale era apresentar a doutrina bíblica sem a interferência dos prelados e conduzir o povo ao conhecimento do texto bíblico. Ele afirmou : “Essa causa apenas me conduziu a traduzir o Novo Testamento. Porque eu havia percebido, por experiência, como seria impossível levar o povo leigo à verdade, a não ser que as Escrituras fossem claramente colocadas diante dos seus olhos na língua-mãe²⁶”.

Tyndale fez um pedido ao renomado Cuthbert Tunstall, Bispo de Londres, para se alojar e foi recebido com uma fria negativa. Tyndale então encontrou um comerciante simpático, Humphrey Monmouth, negociante de tecidos, o qual não apenas abriu sua residência em Londres, para o Reformador, como ainda lhe deu dez libras de presente, pedindo-lhe que orasse por "seu pai, sua mãe, suas almas e todas as almas cristãs". Junto com John Frith, outro reformador e tradutor, Tyndale preparou seus manuscritos. Contudo seis meses depois do início da tradução, Tyndale detectou uma crescente hostilidade dos oficiais laicos contra o seu projeto. Ele foi alertado por seus amigos que se permanecesse em Londres seria preso. Grande parte dessa pressão foi atribuída às pazes de Henrique VIII com Roma.

Henrique VIII (r. de 1509-1547) que sucedeu a Henrique VII da dinastia Tudor (1485-1603) era um governante elegante, generoso, forte, culto e conhecedor de teologia e música. Dotado de boa cultura, falava latim, francês e espanhol tão bem quanto o inglês. Auxiliado pelo Cardeal Wolsey, Henrique VIII realizou um grande reinado, que foi marcado pelo conflito com Roma e a conseqüente fundação da Igreja Anglicana. A ruptura com Roma foi desencadeada, porque Henrique VIII não conseguiu que o papa Clemente VII anulasse o seu casamento com a princesa espanhola Catarina de Aragão, para que pudesse se casar com a bela Ana Bolena. Pressionando o clero inglês conseguiu sua separação, que foi sacramentada em 1533 pelo novo arcebispo de Canterbury, Thomas Cranmer. Casou-se com Ana Bolena no mesmo ano e, em 1534, autoproclamou-se como

²⁵ COMFORT, 1998. p. 366.

²⁶ WOOD, 1953. p. 152.

único chefe da Igreja da Inglaterra através do Ato de Supremacia. O triunfo da Reforma na Inglaterra significou também o fortalecimento do poder real.

O Ato de Supremacia de 1534 mostrava claramente o grande poder que o rei Henrique VIII procurava concentrar em suas mãos. Estabelecia o seguinte²⁷:

O Rei é o chefe supremo da Igreja da Inglaterra... Nesta qualidade, o Rei tem todo poder de examinar, reprimir, corrigir tais erros, heresias, abusos, ofensas e irregularidades que sejam ou possam ser reformados legalmente por autoridade [...] espiritual [...] a fim de conservar a paz, a unidade e a tranqüilidade do Reino, não obstante todos os usos, costumes e leis estrangeiras, toda autoridade estrangeira.

Tyndale conclui com tristeza: “A partir daí, percebi que não apenas no palácio do bispo de Londres, mas em toda a Inglaterra, não havia lugar onde eu pudesse tentar uma tradução das Escrituras²⁸”.

Em face dessas condições inaceitáveis, Tyndale transferiu-se para a Alemanha, em 1524, sem imaginar que jamais colocaria os pés novamente em solo inglês (Contudo, Fox²⁹ chamou Tyndale de "o Apóstolo da Inglaterra"). Tendo garantido alojamento em Hamburgo, o fugitivo fez uma peregrinação imediata até Wittenberg. O patrocínio negado a Tyndale por Tonstal foi mais do que compensado pelo audacioso Lutero que iria declarar sem timidez: “Nasci para a guerra e a luta contra as facções e os demônios”.

O Dr. J. R. Green captou o espírito contagiante de Lutero com a narrativa da visita deste a Tyndale:

Encontramo-lo em seu caminho para a cidadezinha que havia repentinamente se tornado a cidade sagrada da Reforma. Estudantes de todas as nações ali se reuniam com um entusiasmo que lembrava aquele dos cruzados. "Quando vinham para ver a cidade", conta-nos um contemporâneo, "retornavam graças a Deus com as mãos preparadas para de Wittenberg, como a partir de Jerusalém fosse a luz da verdade do evangelho espalhada até aos confins da terra".³⁰

Foi por insistência de Lutero que Tyndale ali traduziu os evangelhos e as epístolas. Tyndale recebeu muitos estímulos da parte do austero alemão para suas futuras experiências, cuja visão pessoal sobre os perturbadores era essa: “Você não pode enfrentar um rebelde com a razão. Sua melhor resposta é esmurrá-lo no rosto até que ele sangre pelo

²⁷ BENTSON, 1986.

²⁸ WOOD, op. cit.

²⁹ John Foxe. *O Livro dos Mártires*. CPAD. 2001.

³⁰ WOOD, op.cit.

nariz³¹”. Com o coração reanimado, Tyndale iniciou o seu esforço pioneiro de produzir a Bíblia Inglesa traduzida diretamente das línguas originais.

Tanto Lutero quanto Tyndale usaram o mesmo texto grego (uma compilação feita por Erasmo em 1516) para fazer suas traduções. Esse texto ficou conhecido pelo nome latino, *Textus Receptus* (Texto Recebido). Para o *Textus Receptus* Erasmo utilizou os manuscritos (MS) que lhe estavam ao alcance. Como não pudesse encontrar um MS que tivesse todo o Novo Testamento, usou o MS minúsculo 1, que é bom, mas ficou na dependência do MS 2, que é uma cópia inferior do tipo Bizantino. Para Atos e Epístolas usou principalmente o MS 2^{ap} e para o Apocalipse, um só, o MS 1r.

A erudição de Tyndale foi confirmada no seu comparecimento diante dos editores de Colônia, Quental e Byrschmann, antes de completar um ano. Embora desconhecido a Tyndale, o arquinimigo de Lutero, o teólogo católico John Cochlaeus, Deão da Igreja da Bendita Virgem em Frankfurt, seguiu direto em suas pegadas. Quando viu os católicos na Alemanha preparados com Bíblias “até às orelhas”, Cochlaeus se queixou:

O Novo Testamento de Lutero se multiplicou e se espalhou de tal maneira através dos editores que até mesmo alfaiates e sapateiros, sim, até mesmo as mulheres e as pessoas ignorantes, que aceitaram esse novo evangelho luterano e podiam ler um pouco de alemão, estudavam-no, com a maior avidez, como sendo a fonte de toda a verdade. Alguns o memorizaram, carregando-o no íntimo. Em poucos meses esse povo ficou tão letrado que não se envergonhava de debater sobre a fé e o evangelho, não apenas com os leigos católicos, mas até mesmo com os padres e monges e doutores em divindades³².

Cochlaeus não podia permitir que esse pesadelo alcançasse a Inglaterra. Certo dia ele escutou por acaso alguns tipógrafos discutindo a respeito da obra de Tyndale. Embriagando-os com uma certa quantidade de vinho, ficou perplexo ao descobrir que o Novo Testamento Inglês já estava sendo impresso. Depois de ver apenas dez folhas completas, Tyndale foi advertido da chegada de magistrados. Auxiliado pelo seu amanuense, William Roye, ele pôde transferir os preciosos documentos para Worms.

Com a comparativa segurança da "retaguarda" oferecida por Lutero, as primeiras três mil cópias do Novo Testamento de Tyndale foram completadas em 1525 pelo editor de Worms, Schoeffer, e contrabandeadas para a Inglaterra, em barris, pilhas de roupa e sacos de farinha. Ao contrário da tradução dos manuscritos latinos de Wycliff, a obra de Tyndale

³¹ PATTISON, 1891. p. 89.

³² MAIA, 1998. p. 122.

foi diretamente traduzida do Grego e, mais que isso, do *Textus Receptus* da segunda e terceira edições de Erasmo.

Tendo sido alertado por Cochlaeus da "importação pendente de perniciosa mercadoria", o clero inglês ficou de sobreaviso nos portos. Muitas Bíblias foram interceptadas e queimadas em cerimônias, na Saint Paul Cross em Londres, pelo bispo Tonstal, que as chamava de "uma oferta queimada ao Deus Todo Poderoso".

Sir Thomas Morus acusava Tyndale de na sua tradução ter alterado o significado habitual de alguns termos para alterar a própria fé. O ataque de Morus incidia sobretudo na falta de autorização da hierarquia eclesiástica e do próprio rei, fato que impedia a distribuição normal da tradução em território inglês. Contudo, com a ajuda de alguns comerciantes londrinos que perfilhavam os ideais da Reforma, a publicação espalhou-se nos seus arredores. O bispo de Londres baniu-a publicamente em 20 de Outubro de 1526 e dois dias depois todas as publicações que foram apanhadas foram queimadas em St. Paul's³³. Sem se intimidar, Tyndale exclamou no espírito do seu mentor alemão: "Ao queimar o Livro eles fizeram exatamente o que eu esperava; provavelmente eles vão também me queimar, se for essa à vontade de Deus³⁴".

Continuando a trabalhar no Continente, Tyndale escreveu ainda em 1528 *The Parable of a Wicked Mammon* e *The Obedience of a Christian Man*, que, conseguindo penetrar na Inglaterra, se juntaram à lista dos livros proscritos. Porém, é interessante notar que *Obedience* chegou a empolgar Henrique VIII e Ana Bolena³⁵.

A partir de então, a Igreja Católica decidiu reagir a estas "heresias" através da publicação de obras, curiosamente escritas no idioma que tanto tinha atacado - o inglês. Esta mudança de atitude ficou a dever-se ao fato de se pretender que o maior número possível de cidadãos tivesse conhecimento não só do que se estava a passar, mas que, através disso, a doutrinação da Igreja, enquanto instituição, fosse mais generalizada.

A despeito dos esforços de suprimir a tradução de Tyndale, foi grande a demanda por mais cópias do Novo Testamento, quinze mil exemplares, em seis edições, foram

³³ Conforme citado em VARGAS, sd.

³⁴ FOX, John op. Cit.

³⁵ LANE, Tony. 1988, pp 15

contrabandeadas para a Inglaterra, entre os anos de 1525 e 1530. Isto teve um profundo efeito na expansão da Reforma na Inglaterra ³⁶.

Logo em seguida o desafio de Tyndale era de traduzir o Velho Testamento. Partiu então para os Países Baixos, e passou a viver em Antuérpia, um lugar conveniente para transportar sua Bíblia para outros países, graças ao comércio intenso com outras partes da Europa e por conta de uma política de neutralidade religiosa.

Neste período surgiu uma oportunidade de Tyndale retornar a Inglaterra. Porém, a perseguição era inevitável. Muitos reformadores, tanto na Inglaterra como no continente, estavam sucumbindo e a vida de Tyndale obviamente estava em risco. Os detalhes não estão claros quanto a essa possibilidade de retorno. Alguns biógrafos divergem se este fato é verdadeiro ou não³⁷. Stephen Vaughn foi encarregado de levar a mensagem do rei Henrique VIII a Tyndale. Foi garantido a ele que nada aconteceria durante a entrevista. Durante a conversa Tyndale se oferece para voltar à Inglaterra, caso o rei permita que as Escrituras circulem livremente na Inglaterra e que ele não fosse preso. Sua oferta é rejeitada e Tyndale reconhece a inevitabilidade da morte, caso ele retorne a sua terra natal.

A linguagem que Fox usa é forte ao descrever os detalhes da prisão de Tyndale, que foi atribuída à traição de Henry Philips. Pouco se sabe acerca de Philips. Ele era filho de um oficial rico, e tinha sido incumbido de voltar a Londres para saldar um débito, mas, ao invés disto, gastou o dinheiro. Para saldar suas dívidas se tornou empregado de pessoas que desejavam a erradicação de Tyndale. Philips foi a Antuérpia e se encontrou com Tyndale e logo fizeram amizade. Embora Tyndale fosse uma pessoa astuta, ele não se preocupou com Philips. A confiança foi crescendo, apesar da oposição de amigos de Tyndale. Numa ocasião, enquanto Thomas Poyntz, casa de quem Tyndale estava hospedado, estava viajando, Philips convidou Tyndale para uma caminhada. Ele foi conduzido por uma rua escura, e no final dela, estavam as forças policiais enviadas pelo rei, que prenderam Tyndale e o encarceraram no palácio de Vilvorde em Bruxelas.

Depois de permanecer na prisão por mais de um ano, foi julgado e condenado à morte. Em 6 de outubro de 1536, foi estrangulado e queimado na fogueira. Suas palavras finais foram: “Senhor, abra os olhos do rei da Inglaterra³⁸”.

³⁶ COMFORT, 1998. p. 366

³⁷ Sigo aqui DANIELL op. cit.

³⁸ conforme citado em FOX, 2001. p.

Após haver terminado o Novo Testamento, Tyndale tinha começado a trabalhar na tradução do Antigo Testamento Hebraico, mas não viveu o suficiente para completar sua obra. Havia, entretanto, traduzido o Pentateuco, Jonas e alguns livros históricos. Miles Coverdale levou a cabo a tradução inteira da Bíblia para o inglês, baseado em grande parte na tradução do Novo Testamento e de outros livros do Antigo Testamento feito por Tyndale³⁹.

Pela época que Coverdale publicava sua tradução completa das Escrituras, (1537) o rei Henrique VIII, rompia todas as relações com o papa. Com a ajuda política de Thomas Cronwell, Crammer obteve a permissão do rei para essa versão. O projeto de Crammer era de colocar um exemplar da Bíblia inglesa em cada paróquia da igreja. Porém, chegou ao conhecimento de Crammer a Bíblia de Matthew. Na realidade, tratava-se de uma obra de John Rogers, assistente de Tyndale. Consistia em todo o trabalho de Tyndale, complementado por Coverdale. Esta Bíblia também recebeu a aprovação do rei.

A Bíblia de Rogers foi revisada em 1538 e impressa para distribuição nas igrejas de toda a Inglaterra. Devido ao seu tamanho e preço elevado, ficou conhecida como Grande Bíblia (*Great Bible*). Muitas edições dessa Bíblia foram impressas em princípios da década de 1540. Entretanto, sua distribuição foi limitada. Os exemplares da Grande Bíblia foram acorrentados aos púlpitos das igrejas, posteriormente ela ficou conhecida como a “Bíblia Acorrentada”. Porém, a tolerância do rei para as novas versões não durou muito tempo. Em 1543, o parlamento promulgou uma lei, proibindo o uso de qualquer tradução em inglês. Constituía um crime qualquer pessoa não autorizada ler ou explicar as Escrituras em publico. Muitos exemplares do Novo Testamento de Tyndale e da Bíblia de Coverdale foram queimados em praça publica.

Provavelmente, o radicalismo das classes trabalhadoras, foi o motivo de tal proibição. Aproveitaram o espaço para expressar suas críticas ao sistema. A Bíblia aberta foi submetida a vários tipos de leitura.

“É claro que sacerdotes e eruditos bem gostariam de haver conservado a interpretação da Bíblia como monopólio de uma elite instruída, como era o caso de surgir uma versão vernácula das Escrituras. Mas, os radicais reagiram enfatizando a possibilidade de que qualquer indivíduo recebesse o Espírito, tendo portanto a experiência íntima que capacitaria a compreender o Verbo Divino tão bem, ou até melhor, que os meros eruditos desprovidos dessa graça⁴⁰.”

³⁹ COMFORT, 1998. p. 366.

⁴⁰ HILL, 1987. p. 107.

Capítulo 3

A tradução de Tyndale e a língua inglesa

O poder e a precisão das traduções de Tyndale⁴¹ colocam-no como uma figura importante na formação da língua inglesa. O trabalho de Tyndale foi a base da maioria das traduções da Bíblia inglesa. Daniell estimou que 83% do Novo Testamento da versão *King James* foram retirados da obra de Tyndale⁴². Na sua tradução da Bíblia, Tyndale cunhou frases que se transformaram em expressões características da língua inglesa: *let there be light* (Genesis 1), *the powers that be* (Romans 13), *my brother's keeper* (Genesis 4), *the salt of the earth* (Matthew 5), *a law unto themselves* (Romans 2), *filthy lucre* (1 Timothy 3) e *fight the good fight* (1 Timothy 6). O senso de ritmo e proporção poética de Tyndale concedeu força a clássicas sentenças como as seguintes: *Ask, and it shall be given you; seek and ye shall find; knock and it shall be opened unto you* (Matthew 7) *In him we live and move and have our being* (Acts 17) *The spirit is willing, but the flesh is weak.* (Matthew 26).

Era um mestre da frase curta e eficaz, próxima do inglês conversacional, mas distinta da eficiência que é usada num provérbio, por exemplo. Essa construção linguística é conhecida como aforismo poético. O aforismo é uma máxima ou sentença que em poucas palavras contém uma regra ou um princípio de grande alcance. Suas frases foram usadas largamente, e é possível que tenham influenciado as construções gramaticais de um autor tão importante para a formação da língua inglesa como foi Shakespeare.⁴³ Aforismos semelhantes ao de Tyndale podem ser encontrados na obra de Shakespeare: *the milk of human kindness* ou *to be or not to be*.

Contudo, Tyndale foi acusado de apresentar uma tradução das Escrituras distorcida e, especialmente, redefinir teologicamente importantes palavras para fundamentar sua posição doutrinária. Punha-se em causa determinados termos utilizados por Tyndale, que

⁴¹ A tradução da Bíblia feita por Tyndale, com a linguagem atualizada, foi publicada em dois volumes, editados por David Daniell: *Tyndale's New Testament* (New Haven and London: Yale University Press, 1989); and *Tyndale's Old Testament* (New Haven and London: Yale University Press, 1992).

⁴² DANIELL, David. Op.cit.

⁴³ GRISHAM, 2001. pp 15

fugia à tradição católica, como por exemplo: *senior* em vez de *priest*; *congregation* em vez de *church*; *love* em vez de *charity*; *repentance* em vez de *penance*; *favour* em vez de *grace*.

O problema não estava na tradução, uma vez que ela se podia justificar a partir do seu sentido original na língua grega, mas nas doutrinas que essa tradução denunciava. Por exemplo, sua tradução do grego *ekklesia* como "*congregation*," seguindo o latim de Erasmo *congregatio*, ao invés do tradicional "*church*" irritou Thomas Morus, porque sugeria uma visão radical do governo eclesiástico. O poder que estava somente nas mãos dos líderes eclesiásticos, Tyndale sugeria, deveria estar com todos os crentes.

Nota-se a influência da teologia luterana do sacerdócio universal de todos os crentes, que rompia com toda hierarquia clerical, a favor do livre-exame da Escritura e da liberdade da consciência. A posição mais radical será encontrada entre os grupos anabatistas no continente e na Inglaterra entre os puritanos separatistas⁴⁴. Aliás, o próprio Tyndale na sua *Answer to Sir Thomas More Dialogue* explicita o seu conceito de *church*. Tendo originariamente significado local, ou casa onde os crentes se reuniam para ouvir a palavra de Deus numa língua acessível a todos, o termo *church* passou a designar o clero, naquilo a que Tyndale considera ter sido "*abused and mistaken for a multitude of shaven, shorn and oiled*". Contudo, Tyndale considera que há, ou deverá haver, uma terceira explicação para o termo, que é a de *congregation*, ou seja, um grupo de pessoas de todas as classes sociais que se juntam para ouvir e viver a mensagem de Cristo. Para ele, esta será a verdadeira igreja de Cristo, de acordo com as Escrituras: *For where two or three are gathered together in my name, there am I in the midst of them*. (Mt 18:20).

Toda a querela se baseou, pois, numa posição de valores exegéticos excessivos de ambas as partes, em detrimento de valores puramente hermenêuticos. As versões que se lhe seguiram não eram no fundo novas traduções, pois cada tradutor pegava nas dos seus antecessores, com especial relevo para Tyndale, e tentava melhorá-las e refiná-las, culminando tal processo na *Authorized Version* de 1611⁴⁵.

⁴⁴ A esse respeito, confira HILL, C. *Intellectuals Origins Of English Revolution: Revised Edition*. A versão brasileira, publicada pela Companhia das Letras, é baseada na antiga edição inglesa. Nessa nova edição revisada, Hill destaca a influência de Tyndale na formação intelectual da revolução inglesa, citando como fonte deste novo entendimento a biografia de Tyndale escrita por David Daniell. Hill entende que Tyndale lançou bases para a contestação política puritana durante o reinado de Charles I. conf. HILL, C. *O Eleito de Deus*. Companhia das Letras.

⁴⁵ VARGAS, Maria E. op.cit.

A fidelidade ao texto original que o novo conceito de tradução das Escrituras exigia tornava as novas versões um pouco estranhas (*foreign-sounding*). A influência de um idioma arcaico dominado por cadências que não eram familiares ao ouvido dos ingleses tornava ainda maior o interesse pelas traduções. O padrão seguido pelos tradutores da Bíblia no Renascimento baseava-se na tradução literal, preservando as cadências dos textos originais, conseguindo efeitos retóricos notáveis através da repetição de orações e de frases, ampliando-as, com o objetivo de dar ênfase a determinadas palavras ou conceitos, para além de tornar mais clara a idéia anterior.

A relação entre a versão de Tyndale e a *Authorized Version*

Como já referimos anteriormente, foi enorme a influência que a tradução de Tyndale exerceu no conjunto dos especialistas que apresentaram a *Authorized Version* ao rei Jaime I. Contudo, são patentes algumas diferenças entre as duas Bíblias, separadas por uma diferença temporal de mais de cem anos, durante os quais os contextos político, social e religioso se alteraram. Um livro necessita sempre de ser traduzido de novo, para satisfazer as alterações dos padrões exigidos e os gostos das novas gerações, não coincidentes com os do passado. Pode-se afirmar, foi isso que se verificou nessas duas versões, concordante nos seus princípios-base, mas divergindo pontualmente por serem produtos de épocas diferentes. Por outro lado, convém não esquecer que em 1611 a língua inglesa tinha já percorrido um longo caminho na sua evolução e fixação, sendo no início da dinastia Stuart muito mais rica e variada, em parte devido aos empréstimos de outras línguas de que se foi servindo para suprir as suas lacunas.

Como ilustração dessas nossas afirmações, socorremo-nos de um extrato do Livro dos Juízes, 19; 20-22, referente ao Levita que se dirige a Belém em busca da sua mulher:

TEXTO DE TYNDALE:

The old man said, Peace be with thee: all that thou seekest thou shalt find me, only abide not in the streets all night. And he brought him into his house, and gave fodder unto his asses. And they washed their feet, and did eat and drink. And as they were making their hearts merry, the men of the city, which were wicked, set the house round about, and thrust at the door, and spake to the man of the house, the old man, saying: Bring forth the man that came unto thine house, that we may know him.

AUTHORISED VERSION:

And the old man said, Peace be with thee; howsoever, let all thy wants lie upon me, only lodge not in the street. So he brought him into his house, and gave provender unto the asses; and they

washed their feet, and did eat and drink. Now as they were making their hearts merry, behold, the men of the city, certain sons of Belial, beset the house round about, and beat at the door, and spake to the master of the house, the old man, saying, Bring forth the man that came into thine house, that we may know him.

Comparando os dois textos, é óbvio que a fonte foi a mesma. Contudo, verifica-se que apesar da repetição de orações consecutivas introduzidas por *and*, Tyndale consegue atingir um certo ritmo na sua narrativa. Apesar da prosa inglesa não ter ainda atingido estilo próprio na época de Tyndale, este tradutor foi mestre na criação de narrativas bíblicas, com especial relevo para os textos do Antigo Testamento, fértil em livros históricos. Na verdade, e apesar da distância que nos separa, os termos que utiliza são claros, vivos, coloquiais, conseguindo prender a atenção do leitor, recorrendo a estilo vivo e direto.

Em apenas três versículos, o leitor passa de uma situação pacífica de hospitalidade - *Peace be with thee*, para uma situação de profunda hostilidade - *Bring forth the man*. Ainda sobre a questão da repetição constante do conector *and* na versão de Tyndale, o objetivo é produzir um texto de fácil compreensão e que traduza a grande simplicidade do hebraico, conferindo-lhe certa elegância ao transpôr o *waw* hebraico para *and*.

Centrando a nossa atenção na *Authorised Version*, notamos que sintaticamente se aproxima mais do padrão atual, pois já substitui alguns elementos conectores por outras construções frásicas. No entanto, o resultado final não é tão diferente como seria de esperar.

A expressão *Let all thy wants lie upon me* parece respeitar mais o sentido literal do hebraico, segundo a mesma fonte, do que *All that thou seekest thou shalt find with me*, mas esta última poderá demonstrar mais o desejo do ancião de ser cordial.

No nível lexical, notamos algumas diferenças, destacando:

TYNDALE	A. VERSION
wicked	sons of Belial
thrust at the door	beat at the door

A justificação para a diferente utilização desses vocábulos poderá, em meu entender, ter a ver com a época em que ambas as versões são escritas. Tyndale fez a sua tradução numa época conturbada e cheia de radicalizações extremistas. Logo, era necessário ser incisivo, direto, nomeando-as, sem subterfúgios. Em contrapartida, a

Authorised Version surge num momento de tentativa de apaziguamento, em que o bom senso e a moderação tinham a primazia relativamente à confrontação. Provavelmente, tal fato teria implicações no tipo de linguagem e será essa a minha explicação para a expressão *Sons of Belial* em vez de *wicked*, bem como de *beat at the door* em substituição de *thrust at the door*. A linguagem utilizada na *Authorized Version* é já mais suave, mais polida e mais requintada, reflexo do que se passava na época. Como se pode ver, as traduções são reflexos de toda a conjuntura social envolvente e das possibilidades do tradutor quanto a erudição sobre o assunto e a língua, sobretudo na sua forma, ainda que os pontos de partida sejam idênticos.

Os modernos tradutores bíblicos retiveram muitas das interpretações e expressões características de Tyndale. Seu excelente domínio lingüístico lhe concedeu a capacidade de selecionar a melhor tradução do termo original, não somente duplicando o sentido literal, mas buscando o termo mais agradável ao ouvido e o melhor sentido da palavra. Os exemplos seguintes demonstram como os tradutores das diversas versões inglesas foram influenciados pela escolha das palavras feita por Tyndale, em Mateus 13:3-4 ⁴⁶:

TYNDALE (1525)

Beholde the sower went forth to sowe and as he sowed some fell by the wayes syde & the fowles came and devoured it uppe.

COVERDALE (1535)

Beholde the sower wente forth to sowe; and as he sowed some fell by the waye syde. Then came the foules & ate it up.

MATTHEW (1537)

Beholde, the sower wet forth to sowe. And as he sowed some fell by ye wayes syde & the fowles came & devoured it up.

GENEVA (1560)

Beholde, a sower went forthe to sowe. And as he sowed, some fel by the wayes side, and the foules came and devoured them up.

BISHOPS' (1568)

Beholde, the sower went foorth to sowe. And when he sowed, some seedes fell by the wayes side, and the fowles came, and devoured them up.

⁴⁶ http://www.cob-net.org/text/history_tyndale.htm

RHEIMS (1582)

Behold the sower went forth to sow. And whilst he soweth, some fell by the way side, and the fowles of the aire did come and eate it.

KING JAMES (1611)

Behold, a sower went forth to sow. And when he sowed, some seeds fell by the way side, and the fowles came & devoured them up.

REVISED VERSION (1881)

Behold, the sower went forth to sow, and as he sowed, some seeds fell by the way side, and the birds came and devoured them.

MOFFATT (1913)

A sower went out to sow, and as he sowed some seeds fell on the road, and the birds came and ate them up.

WESTMINISTER (1928)

Behold, the sower went forth to sow. And as he sowed, some seeds fell by the wayside, and the birds of the air came and ate them up.

KNOX (1945)

Here, he began, is the sower gone out to sow. And as he sowed, there were grains that fell beside the path, so that all the birds came and ate them up.

REVISED STANDARD (1949)

A sower went out to sow. And as he sowed, some seeds fell along the path, and the birds came and devoured them.

NEW AMERICAN STANDARD (1960)

Behold, the sower went out to sow; and as he sowed, some seeds fell beside the road, and the birds came and devoured them.

O Pensamento de Tyndale

Ao mesmo tempo que Tyndale se ocupou na tradução e impressão das Escrituras, ele também se envolveu em acirradas disputas teológicas. Muitas obras de William Tyndale continuam sendo publicadas, lidas e discutidas. Elas ainda mantêm sua importância. São relevantes para o pensamento protestante reformado. Além da tradução bíblica, ele produziu diversas introduções, textos polêmicos, cartas e comentários. Segue em anexo a relação de todas as obras de Tyndale.

Diante disto, selecionei alguns escritos que representam o pensamento de Tyndale, para demonstrar sua importância e relevância para a formação do protestantismo posterior.

São três escritos; *A Pathway into Scripture*, *The Obedience of a Christian Man* e as controvérsias entre ele e Sir Thomas Morus.

Uma das suas primeiras produções, encontrada originalmente no fragmento de Colônia (*Cologne fragment*), foi revisado e impresso pela primeira vez em 1531, *A Pathway into Scripture*. Foi apresentado inicialmente como prólogo a Escritura, posteriormente foi expandido e impresso num volume separado. O leitor é lembrado neste prólogo, que a doutrina da Justificação pela Fé, é no seu entendimento, a chave para se entender a Palavra de Deus.

Tyndale reprovava a atitude dos prelados que proibiam a tradução da Bíblia para o inglês comum. Utiliza-se de uma linguagem vigorosa, carregada de críticas ao que ele chamou de obscurantismo papista. As metáforas utilizadas por ele são baseadas, em grande medida, na linguagem bíblica, especialmente do evangelho de João. Luz e trevas, verdade e mentira, bom e mal. Estes contrastes, visam despertar o leitor e estimulá-lo a examinar atentamente as Escrituras, pois, para ele somente esta leitura atenta pode retirar o “véu que cobre a face” e que impede o esclarecimento das massas ignorantes da verdade religiosa.

O obscurantismo (papista) não pode entender a luz da Escritura, tal como está escrita, João I. A luz brilhou na escuridão, mas a escuridão não podia compreendê-la, puseram-lhe cortinas espessas e leram-na sem entendê-la, como os laicos proferem as matinas de Nossa Senhora, ou como se fossem profecias de Merlim – seus espíritos estão sempre ao nível de suas heresias. E quando chegam a um lugar que lhes pareceu propício, aí repousam, elaborando exposições fantásticas para estabelecer novas heresias, com na estória do moço que estaria satisfeito por comer a geléia de lampreias, mas não se atrevesse enquanto não lhe parecesse ouvir sinos tocando dentro dele. “Senta-se, pequeno Jack, e come as lampreias” – para tranquilizar sua consciência perturbada. Mas não é grande cegueira dizer, no princípio de tudo, que as Escrituras são falsas, no seu sentido literal, e matam a alma? Para demonstrar isso, na sua pestilenta heresia, abusam do texto de Paulo, dizendo, “a letra matou, porque o texto se convertera numa cortina para eles, e não a entenderam”, quando Paulo, por esta palavra “letra”, significou a lei dada por Moisés para condenar todas as consciências, e para as privar de toda a virtude, a fim de as compelir para as promessas de misericórdia que estão em Cristo.⁴⁷

The Obedience of a Christian Man continua sendo editado,⁴⁸ publicado em 1528, três anos depois da sua primeira edição do Novo Testamento. *Obedience* defende o alvo básico de sua tradução, e da Reforma Inglesa que ajudou a estimular: o direito de todos os crentes, todo “rapaz que conduz um arado”, de ter acesso direto a Escritura, a suprema

⁴⁷ TYNDALE, *Pathway*.

⁴⁸ Penguin Classics, UK. 2000

autoridade da Igreja. Para os reformadores, como Tyndale, a obediência a Escritura é o ponto principal da vida civil e religiosa, pois assim diz ele:

Eu havia percebido, pela experiência, como era impossível dar fundamento de qualquer verdade aos leigos, a não ser que as Escrituras fossem literalmente abertas diante de seus olhos na sua língua natal, para que eles pudessem ver o processo, ordem e significado do texto: senão, seja qual for a verdade ensinada, esses inimigos de toda verdade a extinguem de novo. Em parte fazendo malabarismos com o texto, expondo-o de uma forma difícil de entender... o processo e a ordem e o significado dele.⁴⁹

O livro é um marco do pensamento político, expondo um outro princípio fundamental da reforma inglesa: que o rei é a autoridade suprema do estado. Para Tyndale, a autoridade real, entretanto, é determinada pela autoridade da Escritura, como afirma:

Está certo que obedeçamos a pai e mãe, mestre, senhor, príncipe e rei, e a todas as ordenanças do mundo, corporalmente e espiritualmente, pelas quais Deus nos rege e ministra livremente seus benefícios a todos nós. E que os amemos pelos benefícios que deles recebemos, e os temamos pelo poder que têm sobre nós para nos punirem, se transgredirmos a lei e a ordem. Contudo, os poderes ou governantes terrenos só devem ser obedecidos na medida em que as suas ordens não repugnem ou sejam contrárias aos mandamentos de Deus, que devemos sustentar antes de tudo. Daí que devemos ter sempre os mandamentos de Deus em nossos corações e pela mais alta lei interpretar a inferior; que devemos obedecer só ao que não seja oposta à crença no Deus único, ou ao amor de Deus, por intermédio de quem fazemos ou deixamos de fazer todas as coisas; que nada poderemos fazer contra a reverência devida ao nome de Deus, que possa resultar em desprezo d'Ele ou em menos temor pela Sua justiça; e que não obedeçamos ao que seja proposto para nos afastar ou impedir o conhecimento da santa doutrina de Deus, de quem o santo dia é servo.⁵⁰

The Obedience of Christian Man inclui muitos argumentos retóricos que sobre a obediência da mulher que hoje, podem soar arcaicos ou ofensivos aos ouvidos sensibilizados pelo relativismo pós-modernista, mas sua descrição pormenorizada acerca da luta, entre o poder e o amor, é eterna. Um outro ponto de destaque em *Obedience* é seu discurso de tolerância e desobediência civil. A tolerância que se deriva do evangelho deve levar o cristão a aceitar o outro, mesmo que ele seja tão diferente como é o caso do muçumano (turco). Antecipando uma atitude política puritana separatista, que vê o Estado com desconfiança, ele afirma que deve se desobedecer a um Estado injusto, que obriga o indivíduo a ferir ou matar seu semelhante.

⁴⁹ TYNDALE, *Obedience*.

⁵⁰ TYNDALE, op.cit.

Portanto, aquele que acreditar em qualquer criatura, seja no céu ou na terra, salvo em Deus e seu Filho Jesus, não terá motivo para amar a Deus com todo o seu coração, etc. nem para se abster de invocar seu nome em vão e desonrá-lo, nem para guardar o dia santo por amor à sua doutrina, nem para respeitar os governantes deste mundo, nem qualquer motivo para amar ao seu próximo como a si mesmo, nem para se abster de o ferir, sempre que pudesse obter vantagem por ele ou salvar-se a si mesmo ileso. E, de maneira idêntica, contra essa lei, Amai o vosso próximo como a vós próprios, não devíamos obedecer a qualquer poder terreno que proclamasse como ordem aos homens sob seu governo que ferissem ou perseguissem o nosso semelhante, seja ele inclusive um turco.⁵¹

Outra polêmica escrita por Tyndale foi intitulada *The Parable of the Wicked Mammon*. Nesta exposição baseada na parábola encontrada em Lucas 16. Este tratado foi outra defesa da doutrina da Justificação pela Fé.

...Somente a fé, não as obras, nem os méritos, mas unicamente em Cristo. Somos justificados e temos paz com Deus, é provado por Paulo em Romanos. “Eu não me envergonho do Evangelho” e ele ainda diz, que as promessas de Deus nos encontramos em Cristo. “Por isso (falando do evangelho) é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”. Em seguida fechando o capítulo, “o justo viverá pela fé”. A fé que temos em Cristo e nas promessas de Deus, nós encontramos, misericórdia, vida, favor, e paz⁵².

Tyndale negou que a doutrina da Justificação pela Fé conduzia a uma vida de licenciosidade desenfreada como acusava Sir Thomas Morus e outros.

... E finalmente, saber que espécie de boas coisas temos em nós; reconhecer que elas são um dom da graça e, portanto, não são por merecimento, embora muitas coisas possam ser dadas a Deus por meio da nossa diligência em proclamar suas leis, em castigar nossos corpos, em orar e crer em suas promessas, que de outro modo não nos seriam concedidas; todavia, o nosso trabalho não merece esses dons mais do que os merece a diligência de um mercador que busca um bom navio capaz de lhe trazer as mercadorias em segurança até a terra, se bem que tal diligência ajude, ocasionalmente, à consecução dos fins. Mas quando cremos em Deus e fazemos, então, tudo o que está em nosso poder, e não o tentamos, apenas, Deus manterá sua promessa e nos ajudará e substituir-nos-á quando nossas forças fraquejarem.

Mais tarde Tyndale se envolveu com uma outra disputa com Sir Thomas Morus. Em 1528, o bispo de Lodres escreveu para ele, requerendo que examinasse os trabalhos de uns certos "filhos da iniquidade" e explicar "a astúcia malignidade daqueles ímpios heréticos" ao "povo inocente." Ele enviou a Morus exemplos dos escritos luteranos e lhe deu permissão para preparar um ataque. Tyndale não menciona em sua resposta, mas seu Novo Testamento, provavelmente, deve ter sido enviado a Morus, junto com outros livros. Outros tratados de Tyndale, publicados enquanto Morus estava trabalhando em seu livro, o

⁵¹ TYNDALE, *Obedience*.

⁵² TYNDALE, *Parable*.

convenceram que Tyndale estava entre os mais perigosos escritores luteranos. Em 1529, Sir Thomas Morus lançou seu ataque contra os reformistas, especialmente Lutero e Tyndale, num livro chamado *A Dialogue Concerning Heresies*⁵³. Tyndale respondeu a Morus em julho de 1531 no *An Answer to Sir Thomas More's Dialogue*. Nele, Tyndale confirma que Morus temia o constante apelo feito pelo reformador às Escrituras como autoridade superior. Não somente a hierarquia clerical, mas, a doutrina romana e sua prática foram explicitamente atacadas. Ele acusou Morus de subordinar suas convicções cristãs ao humanismo e de estar buscando conforto e poder junto aos prelados e soberanos.

Saber todas essas coisas é ter a Escritura aberta e acessível a todos vós, de modo que, se vós a penetrais e a ledes, vós desde logo a compreendereis que a heresia não flui das Escrituras, como a escuridão não vem do sol; mas é uma nuvem obscurecedora que jorra dos corações cegos dos hipócritas e cobre a face límpida das Escrituras, cerrando os olhos para que não se extasiem ante os raios brilhantes de luz que as Escrituras irradiam.⁵⁴

Morus respondeu, um ano depois, no longo trabalho, *The Confutation of Tyndale*. Ele repete e intensifica seus ataques. Defendendo a destruição de seus livros, profetiza que Tyndale arderia no inferno pelos seus pecados. Ele apoiava a idéia que de que os hereges, como Tyndale, deveriam ser queimados. “A morte do herege na fogueira era de somenos importância porque ele já estava destinado ao fogo eterno⁵⁵”.

Thomas Morus era, na verdade, um grande defensor da comunidade cristã supranacional como realidade básica no campo social, ao mesmo tempo em que condenava com grande intransigência toda a heresia. O debate entre eles se centralizou na relação da eclesiologia com a Escritura. Para Tyndale, somente a Escritura Sagrada tem a palavra final em matéria de fé e prática. Morus também aceitava além das Escrituras, a Tradição e os ensinamentos do magistério eclesiástico.

Tyndale argumentava que o Evangelho precedia a Igreja, e agora ele oferece meios para testar a forma e doutrina da Igreja. “Quando o crente tem seus olhos abertos pela fé, ele consegue discernir a igreja verdadeira e pura, da igreja falsa e corrompida⁵⁶”.

As polemicas entre Tyndale e Morus representam a expressão inicial da Reforma na Inglaterra. E marcam a primeira vez que um debate intelectual é impresso na Inglaterra. Os

⁵³ Citado em <http://www.williamtyndale.com/0sirthomasmore.htm>

⁵⁴ TYNDALE, *Answers*.

⁵⁵ Citado em LINDBERG, 2001. p. 378.

⁵⁶ TYNDALE, *Answers to More's*.

escritos polêmicos de Tyndale, assim como suas exposições teológicas, guardam o mesmo fino trato com as palavras, usando ritmos elegantes e um grande imaginário bíblico.

Capítulo 4

A influência de Tyndale no movimento puritano

A Reforma na Inglaterra firmou-se apenas com os sucessores de Henrique VIII, inicialmente Eduardo VI período em que o arcebispo Thomas Cranmer preparou o *Livro de Oração Comum*, que fortalecia o uso do inglês, a leitura da Bíblia e a participação da congregação nos cultos. A segunda edição do *Livro de Oração Comum*, realizada em 1552 refletia influências calvinistas. O reinado de Elizabeth I marcou a consolidação definitiva da Igreja Anglicana como um misto de crenças calvinistas e organização baseada no Catolicismo, como ficou estabelecido no Ato dos 39 Artigos (1563). Esse credo da Igreja Anglicana, com algumas modificações (introduzidas em 1571) tornou-se o atual credo da Igreja Anglicana.⁵⁷ O *Livro de Oração* de 1552, com ligeiras modificações, também foi mantido. O Ato de Supremacia de Elizabeth, em 1559, fez da célebre rainha, o governo supremo do reino. A reação do Catolicismo foi imediata e o novo papa Pio V emitiu em 1570 uma bula excomungando Elizabeth e liberando os católicos ingleses de submissão a ela.⁵⁸

De qualquer forma, a Igreja Anglicana se consolidou com Elizabeth I e a liturgia do tempo de Eduardo VI foi definitivamente adotada, enquanto foram eliminados os últimos resquícios de Catolicismo que ainda persistiam na nova religião e que tinham sido introduzidos principalmente durante o breve reinado da rainha Maria I que havia tentado uma restauração Católica. No próprio arcebispado de Cantebury, o arcebispo Reginald Pole foi substituído pelo arcebispo Matthew Parker que se tornou o 71º arcebispo de Cantebury.

O grande teólogo da Igreja Anglicana da época de Elizabeth I foi Richard Hooker que numa obra intitulada *Leis da Política Eclesiástica* procura contrariar as teses calvinistas e defende o direito da Igreja estabelecer leis e tradições para além da letra da Escritura e reivindica a legitimidade e a validade das elaborações racionais em matéria religiosa. Ao criticar o sistema eclesiástico presbiteriano (calvinista) e exaltar o episcopado, enfatizando o lado institucional da Igreja, acaba revelando um pensamento de tendência mais católica do que protestante. Na verdade, a Igreja Anglicana da época de Hooker

⁵⁷ CAIRNS, 1989, pp 270-271.

⁵⁸ CAIRNS, op. cit, p 271.

procura se tornar uma via *média* entre as Igrejas reformadas do continente e o próprio Catolicismo.⁵⁹

A Reforma final feita pela rainha Elizabeth I, que estabeleceu as bases definitivas da Igreja Anglicana, não agradou a um grupo conhecido como “Os Puritanos”. O termo Puritano passou a significar muitas coisas para muitas pessoas, e mesmo historicamente é difícil dar uma definição precisa a esta designação. Porém, como nos é lembrado por Leland Ryken e James I. Packer nos seus estudos sobre o movimento puritano, eles não devem ser concebidos em termos de posterior moralidade “vitoriana”; eles não eram “puritanos” nas acepções populares dessa palavra no sentido de moralistas e pudicos. “Os puritanos não adotaram a atitude de que aquilo que não é proibido é permitido. Eles aderiram ao princípio bem mais severo de que aquilo que não é ordenado é proibido⁶⁰”.

Os puritanos como grupo defendiam a verdade divina e a autoridade das Escrituras, a visão calvinista do pecado, da graça, da fé e da igreja (para a qual agostinianismo reformado seria um bom nome), e a necessidade de a vida da igreja, da comunidade e do indivíduo serem santificadas por meio de controle bíblico.

Contra a crença anglicana de que as Escrituras dão apenas linhas generalizadas de princípios para regulamentar a vida da igreja, muitos puritanos tinham certeza de que elas davam instruções específicas para a ordem da igreja – embora os presbiterianos, os independentes [congregacionais] e os batistas, naquele tempo como sempre, vivessem em forte desacordo sobre quais eram essas instruções. Em seu senso de unidade de toda a vida e conhecimento e da solidariedade das comunidades diante de Deus (famílias, igrejas, nações), e também em sua mentalidade escolástica, seu ascetismo devocional e sua visão da vida neste mundo como preparação para o céu ou inferno, os puritanos podiam ser chamados reformados medievais. Mais distintamente, porém, tinham a convicção calvinista de que nada que não seja santificado pela Bíblia, no pensamento, na conduta ou na vida da igreja, pode agradar a Deus, com o seu corolário de que nenhum indivíduo devia fazer alguma coisa que a sua consciência, orientada pela Bíblia, não pudesse aprovar.

Firmados na compreensão reformada da justificação dos pecadores pela fé mediante a graça e focalizando as necessidades pastorais e os problemas do seu tempo, os mestres

⁵⁹ MOTA, 1998 p. 56

⁶⁰ LINDBERG 2001, p. 390

puritanos concentravam-se nas realidades da salvação do pecado: regeneração e santificação; as causas e a cura da hipocrisia e ‘falsa paz’; fé e certeza; oração e comunhão com Deus; consciência e casuística (que poderíamos chamar de ‘aconselhamento’); resumindo, a obra do Espírito Santo no cristão, a vida de Deus na alma do homem. Aqui suas percepções interiores são excepcionalmente valiosas.

O primeiro neste campo era William Perkins, de Cambridge, que tomou sua teologia emprestada de Teodoro de Beza, sucessor de Calvino em Genebra, e morreu aos 44 anos deixando 2 mil páginas numeradas de exposições populares e técnicas. Por muitas décadas depois de sua morte em 1602, Perkins foi o mais conhecido e mais lido dos teólogos ingleses. *O Peregrino* de John Bunyan (em duas partes, 1678 e 1684) é um indicador descritivo e maravilhoso do cristianismo prático. *A Confissão e catecismos de Westminster* cristalizam a visão puritana teoricamente e para pregação. As exposições de Cristo, do Espírito e da vida da graça de John Owen são clássicas.⁶¹

Estes achavam que o *Livro da Oração Comum* estava impregnado de “fermento papista” e que o episcopado não poderia ser comprovado pelas Escrituras. O principal representante do Puritanismo, Thomas Cartwright, teólogo calvinista, deslocou a ênfase de uma reforma da liturgia para uma reforma da teologia e da eclesiologia. Insistia na autoridade suprema da Bíblia e lançou os fundamentos do Presbiterianismo inglês. A característica principal do Puritanismo foi a sua severidade de costumes, resultante da convicção de que cada cristão deveria viver o Cristianismo em toda a sua “pureza” através da prática das virtudes consideradas como “sinal não duvidoso de feliz predestinação”.⁶²

Latourette traça alguma influência de Tyndale nos puritanos com a seguinte expressão: "De certo modo, os Puritanos abraçavam a teologia do pacto ou federalista. Essa visão ensinava que Deus fez as suas promessas ao homem, mas que estas estavam condicionadas à obediência do homem às suas leis. Foi com o propósito de que as pessoas lessem a Bíblia a conhecessem essas leis que Tyndale se submeteu ao árduo trabalho de tradução..."⁶³

Mais à frente, fala das Bíblias que eram utilizadas naquele período do puritanismo (entre Elizabeth e James), descrevendo a Bíblia de Genebra, indicando que o Novo

⁶¹ PACKER James I *in*: KELLEY Robin (org.), 2001 pp. 313-314.

⁶² CAIRNS. Op. Cit 273-279.

⁶³ LATOURETTE, 1957 p. 814

Testamento utilizado por eles, era o mesmo que havia sido traduzido por Tyndale e suas notas marginais "continham uma forte abordagem calvinista e puritana". Produzida sob o reinado de Elizabeth, mesmo sem ser o autor dessas notas, registra-se a influência de Tyndale e a formação de profundas raízes no movimento puritano.

O fato de sua tradução, que foi julgada herética por Henrique VIII, e sua conseqüente morte como mártir, queimado na fogueira, em 1536, deve ter evocado na memória daqueles puritanos, que igualmente lutavam com perseguições físicas e pressões psicológicas e intelectuais, a coragem, vida e obra de Tyndale, cada vez que manuseavam aquela tradução. O simples fato de a tradução ter sobrevivido aos bloqueios de distribuição e à execração do autor, sendo tão prezada pelos puritanos já seria suficiente para substanciar a influência dele no movimento. Essa visão deve ter algum respaldo de verdade, principalmente considerando-se que, durante o movimento puritano, a tradução de Tyndale não era a única disponível (A Bíblia de Coverdale; a Bíblia dos Bispos).

Segundo Lloyd-Jones, importante estudioso do puritanismo inglês:

O puritanismo é uma *atitude*, é um *espírito*, e é evidente que duas das grandes características do puritanismo começaram a mostrar-se em Tyndale. Ele tinha um ardente desejo de que o povo comum pudesse ler as Escrituras. Mas havia grandes obstáculos em seu caminho; e é o modo como ele enfrentou e venceu os obstáculos que mostra que Tyndale era um puritano. Ele lançou uma tradução da Bíblia sem o endosso dos bispos. Esse foi o primeiro tiro dado pelo puritanismo. Era inimaginável que tal coisa fosse feita sem o consentimento e o endosso dos bispos. Contudo Tyndale fez isso. Outra ação de sua parte, que de novo era bem característica dos puritanos, foi que ele saiu da Inglaterra sem permissão real. Esse também era um ato bastante incomum, e altamente repreensível aos olhos das autoridades. No entanto, em seu anseio por traduzir as Escrituras, Tyndale deixou o país sem o consentimento do rei e foi para a Alemanha, e ali, auxiliado por Lutero, e outros, completaram sua grande obra. Essas duas ações eram típicas do que sempre foi a atitude dos puritanos com as autoridades. *Essa atitude significa a colocação da verdade antes das questões de tradição e autoridade, e uma insistência na liberdade de servir a Deus da maneira como cada qual julga certa*⁶⁴.

O movimento puritano, junto com os outros grupos reformados, surgiu com a luta para que todo o povo tivesse acesso às Escrituras. As Escrituras eram autoritativas em todas as esferas da vida, testando a autoridade religiosa, os assuntos de moralidade, questões eclesiásticas, mas, por entender que toda a vida é religiosa, a aplicavam à ética, economia, política, em suma à toda vida. Este era o "Princípio Regulador Puritano".⁶⁵ Segundo Kelly, a idéia é esta:

Tudo no culto deve ser regulado pela Palavra de Deus escrita. Aqueles acréscimos humanos no culto que não podiam ser demonstrados nem apoiados pela Escritura, deveriam ser tirados. Não

⁶⁴ LLOYD-JONES D. M., 1993 pp. 249-250. Os itálicos são do autor.

⁶⁵ Leland Ryken, *op. cit.*, p. 147-164.

queriam que se fosse permitido o acréscimo cada vez maior de tradições humanas no culto que não eram apoiadas pela Palavra de Deus. Permitindo-se tal acréscimo, estaria se quebrando o Segundo Mandamento, obscurecendo-se a clareza do Evangelho, e impedindo que o poder de Deus viesse sobre a Igreja.⁶⁶

Dai sua ênfase na centralidade da pregação. Eles se levantaram contra os métodos católicos. Estes usavam a dramatização, que chamavam de “dramatização dos mistérios”, quando atores profissionais eram pagos para, junto ao altar, representar diante da massa, que eles consideravam inculta e incapaz.⁶⁷ Mas, por causa de seu conceito das Escrituras, por entender que sua exposição é o meio ordinário de salvação, e que o homem, por ter a *Imago Dei* é um ser com capacidades racionais, eles rejeitaram estes acréscimos. O único sacramento que eles aceitavam era a pregação da Palavra. Então, William Perkins a definia assim: “É juntar a Igreja e completar o número dos eleitos”. Esta é a tarefa primordial da pregação. Sua outra função é “expulsar os lobos dos apriscos do Senhor”.⁶⁸ Este é uma descrição da pregação puritana, e toda ela provinha das Escrituras. Eles enfatizaram muito fortemente a pregação expositiva, não raro, pregando anos a fio em um livro da Bíblia. O congregacional Joseph Caryl, que esteve na Assembléia de Westminster, escreveu um comentário do Livro de Jó de doze volumes, fruto de suas pregações em Londres, no período de 1648-1666. William Gurnal escreveu um comentário de Efésios 6:10-20, *The Complete Christian Armour*, com mais de 1.200 páginas.

Eles rejeitaram todo apelo à uma tradição ou razão “autônoma” que entrasse em contradição com as afirmativas das Escrituras, e o uso que faziam dela está no coração de seu programa de Reforma, que era purificar todas as esferas do culto a partir da Palavra de Deus. Para os puritanos, “o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-Lo para sempre⁶⁹”. E eles lutaram para fazer isto no trabalho, sexo e casamento, no tratamento com o dinheiro, na família, na pregação, na vida da igreja, no culto, na educação, na ação social, no estudo das Escrituras. Em tudo isto, eles viam a Deus no lugar comum: “a visão Puritana de santidade do comum jazia em parte num extraordinário senso da presença de Deus⁷⁰”. Não há nada que esteja mais distante da realidade, do que as modernas caricaturas dos

⁶⁶KELLY, in: *Jornal Os Puritanos* ano II nº7 mar/1994, p. 15. PACKER, pp. 265-278.

⁶⁷ LOPES, Augustus Nicodemus *Jornal Os Puritanos* ano II nº3 jun/1993, pp. 8.

⁶⁸ LLOYD-JONES D. M., *op. cit.*, p. 387.

⁶⁹ “Breve Catecismo” in: *A Confissão de Fé*, p. 389.

⁷⁰ RYKEN Leland, *op. cit.*, p. 217.

puritanos. Eles detestavam o moralismo, eram alegres e livres, “novas criaturas”. Douglas Wilson diz:

Citando [C. S.] Lewis novamente: “Devemos imaginar estes Puritanos como o extremo oposto daqueles que se dizem puritanos hoje, imaginemo-los jovens, intensamente fortes, intelectuais, progressistas, muito atuais. Eles não eram avessos à bebidas com álcool; mesmo à cerveja, mas os bispos eram a sua aversão”. Puritanos fumavam (na época não sabiam dos efeitos danosos do fumo), bebiam (com moderação), caçavam, praticavam esportes, usavam roupas coloridas, faziam amor com suas esposas, tudo isto para a glória de Deus, o qual os colocou em posição de liberdade.⁷¹

O que quer que eles fossem, não eram soberbos, melancólicos ou severos. Nem mesmo seus inimigos os taxaram assim! Eles olharam a vida através da lente ampla da soberania de Deus sobre todas as áreas da vida, como nos diz Richard Baxter: “Não podes pensar nos vários lugares em que viveste e lembrar de que em cada um deles teve suas diversas misericórdias?”⁷² Toda a vida é de Deus, e sua piedade não era monástica, nem mística nem pietista, mas, no melhor sentido da palavra, ‘mundana’.⁷³ C. S. Lewis chama os primeiros Puritanos de “jovens, vorazes, intelectuais progressistas, muito elegantes e atualizados”, que “não havia animosidade entre os Puritanos e humanistas. Eles eram freqüentemente as mesmas pessoas, e quase sempre o mesmo tipo de pessoa: os jovens no Movimento, os impacientes progressistas exigindo uma ‘limpeza purificadora’”.⁷⁴

A qualidade extra-mundana dos Puritanos não era retraimento do mundo, mas um viver no mundo de acordo com padrões extra-mundanos. Hill afirma:

os homens comentaram amiúde o aparente paradoxo de um sistema baseado na predestinação e que suscita em seus adeptos uma ênfase sobre o esforço e a energia moral. Uma explicação para esse fato postula que, para o calvinista, a fé se revela por si mesma através das obras e que, portanto, o único modo pelo qual o indivíduo poderia ter certeza da própria salvação seria examinar cuidadosamente seu comportamento noite e dia, a fim de ver se ele, de fato resultava em obras dignas de salvação (...). Os eleitos eram aqueles que se julgavam eleitos, pois possuíam uma fé interior que os fazia se sentirem livres, quaisquer que fossem suas dificuldades externas.⁷⁵

A doutrina da Providência, assim como a da predestinação, não é o dogma central da fé reformada, mas é um importante impulsor de cristão em sua relação com o mundo, com o mal e com o próprio Deus. O calvinismo então foi mais do que um credo; foi uma

⁷¹ WILSON Douglas, *in: Jornal Os Puritanos*, ano V nº1 jan/fev – 1997, p. 16.

⁷² *Ibidem*, p. 217.

⁷³ *Ibidem*, p. 278 n. 23.

⁷⁴ RYKEN, Leland *op. cit.*, pp. 19, 177.

⁷⁵ HILL, pp. 196-197.

cosmovisão que abrangia todas as áreas da vida, tornando os puritanos ativos e corajosos instrumentos de transformação institucional. Hill, professor de Oxford, marxista, mas intensamente interessado no “elã revolucionário” que a doutrina da Providência legou aos puritanos, afirmou:

Aqueles que mais prontamente aceitaram o calvinismo eram homens cujo modo de vida se caracterizava pela atividade. (...) Portanto, ao tentarmos analisar a atitude dos Puritanos, não devemos pressioná-los demais, tendo em vista uma consistência filosófica que lhes faltava, característica que compartilhavam com outros teólogos. Devemos levar em conta como sua teologia os ajudou a viver e a mudar o mundo, conforme eles o encontraram (...). Amparados, então, por uma visão da vida que os ajudava nas necessidades cotidianas da existência econômica; conscientes daquele liame que os unia aos que compartilhavam de suas convicções; percebendo-se a si mesmos como uma aristocracia do espírito, contra quem os aristocratas desse mundo eram uma nulidade; fortalecidos pelas vitórias terrenas que esta moral ajudava a pôr em execução, como poderiam os puritanos deixar de acreditar que Deus estava com eles e eles com Deus? Ao adotarem essa crença, como poderiam deixar de lutar com todo seu empenho?⁷⁶

Tyndale teve um lugar importante na formação da Reforma Inglesa. Além do fato de ter traduzido a Escritura. Vêem-se inúmeras ligações que emergem entre o cristianismo nativo, os Lolardos e os luteranos ingleses. Essas conexões emergem de uma só fonte, a tradução de Tyndale.

⁷⁶ HILL. *op. cit.*, pp. 198, 205.

Conclusão

Se tiver algum valor a análise que esbocei neste trabalho, é o destaque que a Bíblia teve para a formação cultural dos povos de língua inglesa. Ao terminar esta caminhada, ainda que superficial, da formação do pensamento reformado, analisando a vida e obra de William Tyndale, veio a mim um ponto importante. O poder e a precisão das traduções de Tyndale colocam-no como uma figura importante na formação da língua inglesa. O trabalho de Tyndale foi à base da maioria das traduções da Bíblia inglesa

O impacto da palavra escrita, no caso da Bíblia, entre aquelas sociedades. Ela ajudou a forjar importantes formas de pensamento e motivaram grupos diferentes na sua maneira de encarar seu contexto. Palavras do texto bíblico foram parar nas conversas entre as pessoas simples e influenciaram o trabalho de muitos eruditos.

As idéias têm seus caminhos, e pude traçar alguns deles neste trabalho. É interessante ver como Tyndale foi apropriados por diferentes grupos, que buscavam na vida do reformador inspiração para suas posturas religiosas e políticas, como os puritanos partidários da Revolução Inglesa. Neste caso específico segundo Hill: “A Bíblia esteve bem perto de se converter, e não pela última vez, num manual revolucionário⁷⁷”. Isso vem para demonstrar a rica apropriação que Tyndale e sua obra receberam no decorrer da história.

Encerro minha pesquisa com as palavras de Fox: “E concluimos agora, bons leitores cristãos, esta obra em que trabalhamos, não por falta de material, senão que, mais para abreviar o assunto devido à grande abrangência de que trata.⁷⁸”

⁷⁷ HILL, 1987. p. 8.

⁷⁸ FOX, 2001. p. 449.

Anexo I:

Essa é a relação completa das obras de Tyndale, conforme grafia da época e com a data da publicação original:

Tradução do Novo Testamento, uma publicada na cidade de Colônia, 1525 e outra edição publicada em Worms, 1526;

The Parable of the Wicked Mammon (1528);

The Obedyence of a Christen Man, and how Christen Rulers Ought to Governe, 1528;

Exposition on Corinthians vii., with a Prologue, wherein all Christians are exhorted to read the Scriptures (1529);

The Practyse of Prelates: whether the Kynges Grace may be separated from hys Quene, because she was hys Brothers Wyfe, 1530;

A Compendious Introduccion, Prologue, or Preface unto the Pistle of St. Paul to the Romayns, 1530;

Translation of the Pentateuch, 1530;

The Fyrst Boke of Moses called Genesis with a preface and prologue shewing the use of the Scripture, 1530;.

An Answere unto sir Thomas More's Dialoge, 1530;

The Prophet Jonas, 1531;

Translation of the historical books of the Old Testament from Joshua to the Second Book of Chronicles, cerca de 1531;

The Exposition of the Fyrst Epistle of Seynt John, with a Prologge before it by W. T.
(1531ed. Donald J. Millus);

The Supper of the Lorde after the true Meanyng of the Sixte of John and the xi. of the fyrst Epistle to the Corinthias, whereunto is added an Epistle to the Reader, and incidentally in the Exposition of the Supper is confuted the Letter of Master More against John Fyrth,
1533;

An Expositcion upon the v., vi., vii. Chapters of Mathew, whych three chapters are the Keye and the Dore of the Scripture, and the restoring again of Moses Lawe, corrupt by the Scribes and Pharisees, etc. Provavelmente editado em 1533;

The Manual of the Christian Knight, translation of Erasmus' Enchiridion militis Christianae provavelmente editado em 1533;

The newe Testamentdylygently corrected and compared with the Greke by Willyam Tindale
1534;

A Pathway into the Holy Scriptures, 1534;

The newe Testamentyet once agayne corrected by Willyam Tindale, 1535;

The Testament of Master William Tracy, Esq., 1535;

Tyndale's letter from prison, escrita originalmente em latim, 1535;

A Briefe Declaration of the Sacraments expressing the fyrst Originall, how they come up and were institute, etc., esta obra foi publicada postumamente em 1548⁷⁹.

⁷⁹ Bibliotheca Augustana.

Anexo II:**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Fontes Primárias publicadas:

TYNDALE, William. *Works of William Tyndale*. In: <http://www.williamtyndale.com>

_____ *A Pathway Into the Holy Scriture.*
 _____ *The Obedience of a Christian Man.*
 _____ *The Parable of the Wicked Mammon.*
 _____ *Prologue to Epistle to Romans.*
 _____ *Breif Declaration os the Sacraments.*

Texts e Documents. In: <http://history.hanover.edu/early/prot.html>

Resources on The 16th Century English Reformation From Henry 8 to Elizabeth 1
 In: <http://www.eldrbarry.net/heidel/englrsc.htm>

BENTSON, Henry. *Documentos da Igreja Cristã*. São Paulo: ASTE, 1986.

Fontes Secundárias:

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989
 (Coleção: O Homem e a História).

CAIRNS, Earle E. Trad. Israel Belo de Azevedo. *O Cristianismo através dos Séculos*. São Paulo: Vida Nova, 1988.

COMFORT, Philip Wesley (editor). *A Origem da Bíblia*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 1998

DANIELL, David. *William Tyndale, a biography*. New Have: Yale University Press, 1994.

DELUMEAU, Jean. *Nascimento e Afirmação da Reforma*. Trad. João Pedro Mendes. São Paulo: Editora Pioneira, 1989

DREHER, Martin, “Introdução”. In: LUTERO, Martinho. *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Editoras Sinodal e Concórdia.

FOX, John. *O Livro dos Mártires*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2002.

FREITAS, Gustavo de. *900 textos e documentos de História*. Lisboa : Plátano, sd, vol. II.

GILMONT, Jean-François. “Reformas protestantes e leitura”. In: CHARTIER, Roger & CAVALLO, Guglielmo (org). *História da Leitura no Mundo Ocidental*. São Paulo: Editora Ática, 1999.

GONZALES, Justo L. *História Ilustrada do Cristianismo*. São Paulo: Edições Vida Nova.

GRISHAM, Jules *William Tyndale Covenant Theologian, Christian Martyr*. IIM Magazine Online, Volume 3, Number 9, February 26 to March 4, 2001.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da História*. Brasília : EDuNB, 1995

HILL, Christopher. *O eleito de Deus: Oliver Cromwell e a revolução inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

HILL, Christopher. *O mundo de ponta-cabeça: idéias radicais durante a revolução inglesa de 1640*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HILL, Christopher *Origens intelectuais da revolução inglesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HOPE, Norman V. *John Wyclif and Reform*. book review. Theology Today. April, 1965.

KELLY, Douglas. “Puritanismo (1)”. in: *Jornal Os Puritanos* Ano II – Número 7 (Março 1994), pp. 14-16.

KELLY, Douglas. “Puritanismo (2)”. in: *Jornal Os Puritanos* Ano II – Número 2 (Junho 1994), pp. 12-14.

KELLY, Douglas.. “O legado puritano”. in: *Jornal Os Puritanos* Ano II – Número 3 (Maio/Junho 1994), pp. 16-18.

KELLY, Douglas. “O princípio regulador puritano”. in: *Jornal Os Puritanos* Ano II – Número 5 (Setembro/Outubro 1994), pp. 12-16.

LATOURETTE, Kenneth Scott. *A History of the Christian Church*. Harper & Row: 1953, 1975.

LANE, Tony. *A Man for All People*. Christian History Magazine. Volume VI, issue 16. 1988

LINDBERG, Carter. *As Reformas na Europa*. Trad. Luis Henrique Dreher e Luis Marco Sander. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2001.

LLOYD-JONES. D. M. *Os Puritanos*. Suas origens e sucessores. São Paulo: Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1993.

LOPES, Augustus Nicodemus “Pregação puritana”. in: *Jornal Os Puritanos* Ano II – Número 4 (Setembro 1993)

MAIA, Hermisten. *Inspiração e Inerrância das Escrituras*. São Paulo: Editora Cultura Cristã., 1998

MANUAL BÍBLICO VIDA NOVA. Vários autores. Edições Vida Nova, 2002.

MARASCHIN, Jaci Correia. “A Reforma Protestante” In: *As grandes religiões*. São Paulo : Abril Cultural, 1973

MCKIM Donald K. (ed.). *Grandes temas da tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1998.

MOTA, Jak Jony Faria. *Con-tradição Protestante* dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora. 1998.

PACKER James I. *Entre os gigantes de Deus; Uma visão puritana da vida cristã*. São José dos Campos, Fiel, 1996. 389 p.

PACKER James I. “Os Puritanos” in: Robin Keeley (org.), *Fundamentos da teologia cristã*. São Paulo: Vida, 2000, pp. 312-314.

PATTISON, T. Harwood. *The History of English Bible*. American Baptist Publication Society. Philadelphia, 1894.

PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira. “Catolicismo na Renascença” In : *As grandes religiões*. São Paulo: Abril Cultural, vol. III, pp. 433-448, 1973.

POWICKE, Maurice. *The Reformation in England*. Oxford University Press. London. 1967.

REID Stanford W. (ed.). *Calvino e sua influência no mundo ocidental*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1990. 496 p.

RYKEN. *Leland Santos no Mundo; os Puritanos como realmente eram*. São José dos Campos, Fiel, 1992.

STACEY, John. *John Wyclif and Reform*. Westminster Press. 1962.

THOMAS Geoff. *William Tyndale, the obedience of the christian man*. Banner of Truth Magazine, 6 de January 2003

VARGAS, Maria Esther. *A Tradução da Bíblia na Inglaterra Renascentista*. Milenium. In: http://www.ipv.pt/millenium/Millenium_15.htm.

WILLIAMSON, James A *The Tudor Age*. Longman Press. London. 1979.

WILSON Douglas. "O puritano liberado". *in: Jornal Os Puritanos* Ano V – Número 1 (Janeiro/Fevereiro 1997), pp. 14-16.

WOOD, Violet. Trad. Jabes Torres. *Em cada terra uma bandeira* Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1953.